

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CURSO DE PEDAGOGIA**

JANAÍNA ARAÚJO DA SILVA

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO: UMA POSSÍVEL RAMIFICAÇÃO NO CONTEXTO
EDUCATIVO PELA EQUOTERAPIA**

CAXIAS DO SUL

2019

JANAÍNA ARAÚJO DA SILVA

**A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO: UMA POSSÍVEL RAMIFICAÇÃO NO CONTEXTO
EDUCATIVO PELA EQUOTERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade de Caxias do
Sul como requisito parcial para conclusão do
curso.

Orientadora: Prof. Dra. Carla Beatris
Valentini

CAXIAS DO SUL

2019

JANAÍNA ARAÚJO DA SILVA

**O PEDAGOGO NA EQUOTERAPIA – UMA POSSÍVEL RAMIFICAÇÃO DO
CONTEXTO EDUCATIVO DE INCLUSÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Pedagogia, da Universidade de Caxias do
Sul como requisito parcial para conclusão
do curso.

Aprovado em: _____

Banca Examinadora

PROFA. DRA. CARLA BEATRIS VALENTINI

Universidade de Caxias do Sul – UCS

PROF. DR. DELCIO ANTÔNIO AGLIARDI

Universidade de Caxias do Sul – UCS

PROFA. MS^a LEZILDA MARIA TEIXEIRA

Universidade de Caxias do Sul – UCS

Agradecimentos

Inicialmente gostaria de agradecer a Deus, por me manter com fé na busca por meus objetivos, principalmente por iluminar e abençoar meus caminhos em busca da realização de um sonho e da conclusão de uma bela e enriquecedora graduação.

Agradecer a professora orientadora Carla Beatris Valentini, por todo o suporte, atenção e carinho com que me auxiliou neste rico processo.

Agradecer imensamente aos meus pais, Gilson (*in memoriam*) e Simone, à minha irmã Jéssica e ao meu namorado Matheus, por serem meus alicerces e por me darem forças durante toda fase acadêmica, em especial neste último e desafiador semestre.

Grata às colegas de estágio e de curso, Deisi Procksch, Marquéli Locatelli e Milena Chiarani, pois sem elas este processo certamente seria mais difícil. Juntas conseguimos nos ajudar com alegria e entusiasmo.

Agradecer a diretora da APAE de São Marcos, Márcia Polo Carnino, por abrir as portas dessa querida instituição e por possibilitar que eu conversasse com os profissionais, explorasse vários espaços e, principalmente, pudesse frequentar semanalmente a equoterapia, que funciona por meio da APAE e da Prefeitura da Cidade de São Marcos.

Agradecer de coração a fisioterapeuta/equoterapeuta Fernanda Santini, por me receber de forma muito acolhedora na equoterapia, por ter me ajudado nesta busca constante por informações, além de permitir que eu pudesse realizar intervenções no local, possibilitando que fossem constituídas ricas construções e trocas de saberes. Além de ter me auxiliado, ela também se tornou uma grande amiga, pois seu coração é de uma bondade imensa.

Agradecer todas as crianças e jovens que são atendidos na equoterapia, por me receberem com muito afeto e sempre com um sorriso no rosto. Certamente, estes anjos me ensinaram a ver a vida com outros olhos, me ensinando ainda mais sobre o quão bela é a vida e me enriquecendo profissionalmente e humanamente.

Por fim, quero agradecer por existirem os cavalos em minha vida, pois eles auxiliaram, também, em meu processo de desenvolvimento e formação, e me constituem como pessoa, são partes do meu ser. Sou grata à Deus por ter crescido e por viver no meio desses animais tão magníficos e divinos. Neste caso, agradecer

ao Lubuno, cavalo da Fernanda, que encanta e auxilia as crianças nas tardes de terças e quartas-feiras, e que também já auxiliou muitas pessoas no decorrer de toda sua vida, sempre fazendo o bem!

O trilhar de um dia feliz

*Nas terças-feiras tenho estágio
Vou na equoterapia, ver as
crianças*

E os cavalos...

*Na cidade da Aparecida, dos
caminhoneiros*

E do Santo, São Marcos!

Lá é incrível...

*Tem árvores, perfumes e
olhares*

*Tem amor, energias e
sonhares...*

*Não tem como não se
apaixonar,*

*Pela bondade existente neste
lugar,*

*Que encanta a mim, as
crianças e todos que passam
lá...*

*Os cavalos, a natureza e os
praticantes nos permitem
ressonhar, amar e cantar!*

E posso afirmar:

*Pelo pedagogo tenho afeto,
pela equoterapia adoração*

Pelas crianças zelo e amor

E fascínio pela inclusão...

Penso em o mundo mudar

*Fazer com que possam a vida
contemplar*

*Esquecendo a negatividade e
auxiliando ao próximo*

*Vivendo, respeitando e amando
tudo que é bom e é nosso...*

*Vale olhar para o lado e ver
quem ali está...*

*Vale dar um abraço apertado,
mesmo quando a vontade for
chorar...*

*O importante é ajudar quem
está ao nosso lado*

*Que vivamos a inclusão e não
a exclusão e falo isso*

*Num sentido geral, que
engloba todos,*

*De forma global, liberal e até
mesmo os que pensam...*

Ser tudo normal!

Janaína Araújo da Silva

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compreender qual é o papel do pedagogo na equoterapia e como sua atuação pode auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem de crianças e jovens com deficiência. Para isso, foi realizadas pesquisas em torno do campo da educação nos espaços não formais, das possibilidades de atuação do pedagogo e como este profissional pode contribuir para as práticas desenvolvidas no âmbito da equoterapia. Para esta investigação, além da revisão bibliográfica foram realizadas visitas a um espaço de equoterapia. A temática da equoterapia é norteadas, principalmente, por concepções de Medeiros e Dias (2002, 2003) e Lermontov (2004), dentre outros artigos e teses em torno dessa temática. Esta investigação organiza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, pois pretende possibilitar uma visão mais geral do assunto, sem pretender generalizações. Para Minayo (1996), as pesquisas que buscam atuar na complexidade das ciências humanas e sociais e caminham para o universo de significações, motivos, atitudes, crenças e valores, são consideradas qualitativas. Também se utilizou Libâneo (1999, 2001) para compreender a dimensão da atuação do pedagogo nos espaços não formais. Como resultado dessa investigação, descobriu-se que a equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo, por meio de uma abordagem interdisciplinar, envolvendo as áreas da saúde, equitação e educação. Esta terapia é utilizada, primordialmente, por pessoas que possuem deficiências ou alguma necessidade especial. Vários profissionais podem atuar na equipe de equoterapia, dentre eles o fisioterapeuta, instrutor de equitação, veterinário, psicólogo, fonoaudiólogo, terapeuta educacional, o já mencionado pedagogo, dentre outros. Cabe ressaltar que o campo de atuação do pedagogo é muito vasto e contempla os âmbitos não formais, mas isso ainda é pouco abordado e muitos destes profissionais pensam que devem atuar, principalmente, nas salas de aula das escolas. A parte empírica do estudo permitiu identificar a importância da equipe interdisciplinar no trabalho com a equoterapia e a falta de conhecimento da área da educação sobre o papel do pedagogo nesse âmbito, e ao mesmo tempo, evidenciou-se o reconhecimento do papel do pedagogo pela profissional de fisioterapia e pelas mães e pacientes atendidos. Identificaram-se diversos benefícios a partir das sessões de equoterapia, destacados tanto pelos profissionais como pelos pacientes e familiares, assim como observados nas visitas realizadas, corroborando o que é apresentado pela literatura.

Palavras-chave: Atuação do Pedagogo. Equoterapia. Espaços não formais de educação. Inclusão. Desenvolvimento e Aprendizagem.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Cabeça do cavalo | 25 |
| Figura 2 - Anatomia do cavalo..... | 26 |
| Figura 3 - Partes do pescoço, tronco e membros do cavalo | 26 |
| Figura 4 - Passo do cavalo..... | 29 |
| Figura 5 - Trote do cavalo | 29 |
| Figura 6 - Galope do cavalo | 30 |
| Figura 7 - O que acontece quando a pessoa monta | 32 |
| Figura 8 - Encilhas usadas na equoterapia: cilhão com alça baixa | 34 |
| Figura 9 - Encilhas usadas na equoterapia: sela adaptada..... | 34 |
| Figura 10 - Encilhas usadas na equoterapia: estribos abertos..... | 35 |
| Figura 11 - A Síndrome de Down e a equoterapia | 46 |
| Figura 12 - Atividade lúdica/pedagógica em uma sessão de equoterapia | 46 |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 10 |
| 2. A EQUOTERAPIA | 15 |
| 2.1. O CAMPO DA EQUOTERAPIA E SUA HISTÓRIA | 16 |
| 2.2. O PEDAGOGO NA EQUOTERAPIA: UMA POSSIBILIDADE | 21 |
| 2.3. O CAVALO E A EQUOTERAPIA | 23 |
| 2.4. O FUNCIONAMENTO DAS ANDADURAS DO CAVALO E OS ESTÍMULOS DOS SEUS MOVIMENTOS | 27 |
| 3. AS FASES DA EQUOTERAPIA | 32 |
| 3.1. EQUIPAMENTOS UTILIZADOS SOBRE O CAVALO PARA A MONTARIA | 33 |
| 3.2. O CAVALO IDEAL | 35 |
| 3.3. A ESTRUTURA DO LOCAL | 35 |
| 3.4. CARACTERÍSTICAS DO PROFISSIONAL DA EQUOTERAPIA | 36 |
| 3.5. INDICAÇÕES E CONTRAINDICAÇÕES DA EQUOTERAPIA | 37 |
| 4. O PAPEL DO PEDAGOGO NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS E NA EQUOTERAPIA | 38 |
| 4.1. CONTRIBUIÇÕES DA EQUOTERAPIA PARA O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA | 44 |
| 5. MÉTODO | 46 |
| 5.1. CENÁRIO DA PESQUISA | 47 |
| 5.2. PARTICIPANTES | 48 |
| 5.3. QUESTIONÁRIOS | 49 |
| 6. A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA EQUOTERAPIA: MAPEANDO POSSIBILIDADES DE AÇÃO | 49 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 59 |
| REFERÊNCIAS | 62 |
| APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS USADOS NA COLETA DE DADOS DA PESQUISA | 65 |
| APÊNDICE B – PLANOS DE AÇÃO | 67 |

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho resulta de uma pesquisa articulada com o estágio, referente aos espaços não escolares, sendo que as investigações aqui descritas terão como base o espaço equoterapêutico localizado na Cidade de São Marcos. Esse espaço funciona por meio da APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais. O objetivo deste trabalho é compreender qual a função do pedagogo na equoterapia e como sua atuação pode auxiliar no processo de desenvolvimento e aprendizagem de crianças e jovens com deficiência. Como objetivos específicos, esta investigação visa pesquisar e analisar o método terapêutico denominado equoterapia; compreender o campo de atuação do pedagogo na equoterapia; identificar as possibilidades de contribuições da equoterapia para o desenvolvimento e a aprendizagem na educação inclusiva, e, por fim, mapear possibilidades de ação do pedagogo nesse âmbito de educação não formal. Vários estudos apontam para os benefícios da equoterapia em diferentes aspectos do desenvolvimento e da socialização.

De acordo com Ribeiro e Piantino (2016), a equoterapia contribui para que os praticantes elevem sua autoestima, sua sociabilidade, desenvolvam, por meio de estímulos, a coordenação motora e cognitiva, o que, segundo os autores, proporciona benefícios para o desenvolvimento do aprendizado cognitivo e intelectual. Segundo Ribeiro e Piantino (2016), a equoterapia, quando associada à educação, proporciona ao praticante com dificuldades a reestruturação e o desenvolvimento motor, da atenção e da percepção. Para Brito (2012) a equoterapia permite que o praticante vivencie um momento de descoberta, de aproximação das relações, da afetividade, da compreensão de limitações, da descoberta das potencialidades, passando então, a acreditar em suas capacidades, ou seja, desenvolvendo a autoconfiança.

Com base em pesquisas de Brito (2012), a equoterapia proporciona efeitos referentes ao desenvolvimento da fala e do raciocínio lógico-matemático, além de trabalhar com a lateralidade, esquema corporal, noção espacial e a autoestima. O autor Severo (2010) destaca que o trabalho da equoterapia possibilita a reabilitação global e a reintegração social. Para Medeiros e Dias (2002), a equoterapia proporciona benefícios psicossociais, que são adquiridos por meio da motivação e

do prazer ao realizar tal prática, possibilitando que o indivíduo consiga ter mais atenção e aumentar o grau de concentração, autocontrole, autoconfiança, autoestima, ou seja, permite que o indivíduo se concentre na atividade que está sendo realizada, sentindo independência, além de desenvolver maior interação social, como citam as autoras.

Com base nas leituras e pesquisas realizadas, compreende-se que o campo de atuação do pedagogo é muito vasto e está cada vez se ampliando mais e mais, embora muitos acadêmicos e profissionais não possuam conhecimento de todas as possibilidades de ação que abrangem essa profissão. Neste contexto, surge então, a necessidade de explorar a atuação do pedagogo nos âmbitos da equoterapia, por esse profissional ser habilitado para trabalhar nesse espaço e também, por ser um profissional que estuda, analisa e intervém no desenvolvimento e na aprendizagem dos seres humanos.

Portanto, acredita-se que este profissional, compondo uma equipe multidisciplinar, possa contribuir no desenvolvimento físico e cognitivo dos praticantes da equoterapia, podendo abordar, em outro espaço, as dificuldades de aprendizagem, da fala, memória, concentração, dentre outros. O profissional, neste caso, poderia articular o que é abordado nas salas de aula, da APAE e das escolas, e no espaço da equoterapia, constituindo um vínculo entre ambos e contribuindo para o desenvolvimento de diversas potencialidades.

De acordo com os estudos realizados no decorrer da graduação, em especial das leituras realizadas nas obras *Pedagogia e pedagogos, para quê?* (1999) e *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas* (2001), de José Carlos Libâneo, compreende-se que o campo de atuação do pedagogo é muito vasto, complexo e enriquecedor. O profissional da área de pedagogia pode atuar em diversas esferas de educação não formal, como: em âmbitos hospitalares, lar de idosos, setores empresariais, clínicas fisioterapêuticas, postos de saúde, laboratórios de materiais pedagógicos, bibliotecas e espaços de equoterapia, sendo este o enfoque deste projeto, e, além disso, o pedagogo pode atuar em inúmeros outros locais. O que cabe ressaltar, neste sentido, é que mesmo esses âmbitos sendo não formais, contemplam algo muito importante que está totalmente interligado, ou seja, todos estes espaços contemplam a educação de forma

autêntica e complexa, além de contemplar o desenvolvimento dos seres humanos e suas relações diante do cenário social.

No decorrer do curso podemos compreender, claramente, a importância do pedagogo nos espaços não formais, na atuação deste profissional em ONGs, no CRAS – Centro de Referência da Assistência Social, lar de idosos, atuação em hospitais, educação prisional e em trabalhos relacionados aos grupos sociais marginalizados. Em todas essas ramificações da Pedagogia Social, encontramos o mesmo viés, que está relacionado com as relações de afetividade e ao ato de humanizar. O pedagogo atua com seres humanos, com vidas, e para isso, deve carregar muito amor, respeito e bondade dentro de si. De acordo com Libâneo (2001, p. 153-176):

O campo do educativo é bastante vasto, uma vez que a educação ocorre em muitos lugares e sob variadas modalidades: na família, no trabalho, na rua, na fábrica, nos meios de comunicação, na política, na escola. De modo que não podemos reduzir a educação ao ensino e nem a Pedagogia aos métodos de ensino.

Vivemos em uma sociedade de constantes modificações, quebras de paradigmas, de intensa globalização. Para isso, é essencial que os pedagogos e futuros docentes busquem se qualificar de forma continuada, para conseguir atuar nos diferentes espaços. O pedagogo deve mediar o processo de ensino-aprendizagem e contribuir para o desenvolvimento cognitivo, físico, pessoal e social de seus alunos, auxiliando em modificações positivas e construtivas.

Com base na análise da obra de Libâneo (2001), a atuação do pedagogo está permeada por diversos processos, dentre eles a comunicação e o intercâmbio da experiência humana, ou seja, tais processos contemplam e analisam os saberes e modos de agir construídos pela humanidade, como ressalta o autor. De acordo com este mesmo autor, compreende-se que a educação está fortemente vinculada aos processos de comunicação e interação decorrentes de trocas de experiências realizadas pelos indivíduos em sociedade. Podemos dizer que estes processos são complexos por envolver pessoas distintas, singulares, compostas de saberes, valores, conhecimentos e culturas diversas, e isso certamente é um ponto rico para o estudo do pedagogo, ao passo que também é um grande desafio. Libâneo (2001, p. 153-176) considera

a pedagogia como prática cultural, forma de trabalho cultural, que envolve uma prática intencional de produção e internalização de significados. É esse caráter de mediação cultural que explica as várias educações, suas modalidades e instituições, entre elas a educação escolar.

De acordo com as questões já mencionadas, destaco a importância do pedagogo nos espaços não formais, neste caso, em especial, no âmbito da equoterapia. Segundo Ribeiro e Piantino (2016), pautados em Severo (2010, p. 11):

A equoterapia é um tratamento no qual trabalham vários profissionais da área da saúde, como: fisioterapeuta, fonoaudiólogo, psicólogo e terapeuta ocupacional. Já na área da Educação temos: professor de educação física, pedagogo e assistente social. Pode-se afirmar que é um tratamento bastante abrangente, pois nele cada profissional deve zelar e não medir esforços para alcançar o integral serviço ético e moral, maior prestígio e ótimo conceito da atividade.

O profissional da pedagogia é um indivíduo que pode viver em constante qualificação e que está habilitado a trabalhar com um vasto grupo de indivíduos. Ouvimos, corriqueiramente, que o pedagogo atua nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação Infantil, porém, muitas vezes, não associamos que nos demais espaços também existem os campos de estudo do professor, ou seja, nos demais âmbitos acontecem a educação e a interação de pessoas.

Neste caso, é essencial a presença deste profissional, capaz de mediar situações e propor intervenções por meio de planos de ação, além de engrandecer esse espaço propondo práticas pedagógicas, construindo também, uma equipe multidisciplinar e atuando com um vasto público, sem perder seu princípio inicial: aprender, auxiliar e ensinar. Com relação à mediação e ao ato educativo, Libâneo (2001, p. 153-176) afirma que:

É intrínseco ao ato educativo seu caráter de mediação, mediante o qual favorece o desenvolvimento dos indivíduos na dinâmica sociocultural de seu grupo, sendo que o conteúdo dessa mediação são os saberes e modos de ação, isto é, a cultura que vai se convertendo em patrimônio do ser humano.

No decorrer das reflexões nos aprofundaremos no campo da equoterapia, compreendendo, com base em Lermontov (2004), que esta atividade é considerada um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar. De acordo com a mesma autora, entende-se que a equoterapia envolve a área da Saúde, da Educação e da Equitação, as quais buscam o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência ou com necessidades

especiais. Pode-se dizer que esta prática auxilia no desenvolvimento de crianças, jovens e adultos que apresentam alguma deficiência física, intelectual, alguma patologia ou pessoas que sofreram graves acidentes.

Com base em pesquisas, compreende-se que atuar com seres humanos é uma tarefa muito complexa, mas que pode ser gratificante. Todos os âmbitos, formais ou não formais, se inter-relacionam pelo fato de contemplarem o produto de nossas reflexões e pesquisas, as pessoas e a educação. Os espaços não formais, assim como a escola, são locais que contêm uma estrutura e dentro dela ocorrem situações de aprendizagem, mas o que a torna rica e especial são as pessoas que nela circulam, que dão vida a estes singelos ambientes. Nesses locais circulam sonhos, desejos, anseios, dúvidas e medos, circulam pessoas que vivem felizes e pessoas que vivem tristes, pessoas que tem um local para chamar de lar, enquanto outros tem apenas uma mera “casa”. Existem pessoas que têm sentimentos, que são únicas e singulares. E, justamente por serem seres humanos, o que mais precisam, muitas vezes, não é de comandos ou orientações, mas de alguém que as escute, lhe deem afeto e um ombro amigo.

Esta investigação busca compreender as ramificações da Pedagogia, a relação desta área do conhecimento com o campo de atuação da equoterapia. Busca também, compreender a importância da equoterapia para o desenvolvimento pleno das crianças, ressaltando a inserção do pedagogo na atuação da educação equoterapêutica. Por meio de pesquisa bibliográfica, buscaremos aprofundar e compreender melhor essa problemática. Além disso, essa pesquisa se articula com o estágio curricular III, que permitiu observação participante, entrevista com a responsável por um Centro de Equoterapia e visitas que possibilitaram a exploração do espaço. Destaca-se que foram aplicados sete questionários, um para a fisioterapeuta da equoterapia, outro a uma pedagoga da APAE, um outro a três mães de praticantes da equoterapia e mais dois questionários à dois praticantes maiores de idade, que frequentam o âmbito da equoterapia de São Marcos. Estes questionários foram utilizados em decorrência do estágio, contribuindo para algumas aulas de um curso de extensão produzido por duas acadêmicas da UCS, além de contribuir para o aprofundamento do presente trabalho.

Este trabalho está assim organizado: introdução, que contempla a justificativa, apresenta o objetivo geral e os objetivos específicos, além de se estruturar por meio de três capítulos. O segundo capítulo aborda questões pertinentes à equoterapia, desde sua história até as fases que caracterizam as sessões, os profissionais que podem atuar neste âmbito, equipamentos que devem ser utilizados no animal, qual é o cavalo ideal, como deve se estruturar o espaço, quais praticantes podem ou não podem realizar tais atividades, dentre outras questões. O terceiro capítulo destaca questões relacionadas ao campo de atuação do pedagogo, ressaltando as possibilidades existentes nos espaços não formais e refletindo sobre a atuação deste profissional na equoterapia. O quarto e último capítulo contempla a análise de questionários, realizados com sete pessoas: fisioterapeuta da equoterapia, pedagoga da APAE, mães de praticantes da equoterapia e dois alunos maiores de idade, que praticam a equoterapia. Após as análises, apresentam-se as conclusões e o apêndice, que destaca possíveis planos de ação para se realizar na equoterapia. Tais planos foram aplicados no decorrer das pesquisas, durante as práticas de estágio da acadêmica.

2. A EQUOTERAPIA

Para nortear a pesquisa, partiremos das concepções de diversos autores que analisaram questões pertinentes à equoterapia, ao pedagogo, aos espaços não formais e à atuação do pedagogo nos âmbitos não formais, especialmente em práticas lúdicas voltadas para a equoterapia e desenvolvimento físico e cognitivo de crianças, jovens e adultos com deficiências físicas. O intuito é compreender a atuação do pedagogo nesse espaço, a importância da sua inserção e o que este profissional pode realizar para facilitar o processo de aprendizagem dos praticantes da equoterapia. A seguir, destacam-se alguns autores e livros que serviram de base para este trabalho: Minayo (1996), Rauen (2002), para sustentar a metodologia da pesquisa qualitativa; Medeiros e Dias (2002, 2003), para abordar a equoterapia, em suas obras *Equoterapia – Bases e fundamentos* e *Distúrbios da aprendizagem – A equoterapia na otimização do ambiente terapêutico*; Lermontov (2004), com sua obra *A psicomotricidade na equoterapia*; e Libâneo (1999, 2001), com as obras

Pedagogia e pedagogos, para quê? e *Pedagogia e pedagogos: inquietações e buscas*.

Diversos outros artigos de autores que pesquisam essas temáticas foram cruciais para as análises, além de materiais referentes à Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil), especialmente as publicações dos anos 2015, 2016 e 2017.

2.1. O CAMPO DA EQUOTERAPIA E SUA HISTÓRIA

O presente capítulo busca realizar um resgate histórico da equoterapia e de sua principal ferramenta: o cavalo. Este método, considerado terapêutico e educacional, ocupa-se do cavalo numa perspectiva interdisciplinar, nas áreas da saúde, equitação e na área da educação, que é o principal foco da Pedagogia. Além disso, tal método busca proporcionar o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiência, mas, por experiência própria, cabe ressaltar que o cavalo faz muito bem para o coração e alma de qualquer indivíduo, independentemente se possui ou não, alguma limitação. Será detalhado um pouco sobre o contexto histórico da equoterapia, sobre o próprio cavalo em prol da terapia e na história, além de informações referentes às indicações e contraindicações, bem como o tempo de tratamento e a duração das sessões.

Segundo as pesquisas de Urbano (2018), o uso do cavalo é tão antigo quanto a história da medicina, e, além disso, este animal é reconhecido pelas suas finalidades terapêuticas. De acordo com Urbano (2018), a história que se tem registro iniciou com Hipócrates (458-370 a.C.), “sendo utilizado como fator regenerador de saúde”. Seguindo com este autor se obtêm dados que a equoterapia seguiu em pauta em 124 a.C., com Asclepiadas de Prusa, um médico grego que recomendava a equitação para o tratamento de epilepsia e de diversos tipos de paralisias. Tem-se registros de que, em 1569, Mercurialis apresentou em sua obra, conhecida como *De arte gymanástica*, a questão da prática equestre e dos movimentos que estes exercícios proporcionam ao corpo e aos sentidos.

As autoras Medeiros e Dias (2002), destacam que, em 1704 o autor denominado Fuller, publicou uma obra com o respectivo nome *De medical gymnástica*, que evidenciava os benefícios da equitação sobre o corpo e a psiqu,

neste caso, em pacientes que sofriam de hipocondria. Seguindo com as mesmas autoras, destaca-se que, no ano de 1747, Samuel Theodor Quelmaz de Lipsia fez a primeira menção ao movimento tridimensional proporcionado pelo dorso do cavalo. Alguns anos mais tarde, em 1782, Joseph C. Tissot, em sua obra *Gymnástica médica ou cirúrgica*, elencou alguns efeitos benéficos da equitação, mas também ressaltou os aspectos negativos desta prática. Medeiros e Dias (2002) ainda salientam que Goethe reconheceu o valor da equitação pelo benefício que proporciona na distensão da coluna vertebral, que é favorecida pelos movimentos de oscilações que ocorrem com o praticante durante a montaria.

Outro momento de extrema importância destacado por Urbano (2018), ocorreu após a Primeira Guerra Mundial, quando então, foi fundado o hospital Universitário de Oxford, com o primeiro grupo de equoterapia. Este grupo tinha como intuito atender os feridos da guerra. De acordo com Medeiros e Dias (2002), os países escandinavos foram os primeiros a utilizar o cavalo com a finalidade de propor a reabilitação, o que acabou gerando bons resultados, estimulando o surgimento da equoterapia/centros terapêuticos em outros países, como na Alemanha, França e Inglaterra.

Ainda com base em Medeiros e Dias (2002), compreende-se que, no ano de 1965, a Universidade Salpetrièri (França) inclui a equoterapia como sendo uma matéria didática. Alguns anos mais tarde, a Universidade de Paris (França), denominada Val de Marne (atual Paris-Est Créteil Val de Marne), tem a primeira tese de equoterapia sendo defendida pela Dra. Collete Picart Tritelin. Segundo as autoras, atualmente, a equoterapia é praticada em mais de trinta países. Existe uma associação na Inglaterra desde 1968, outra na França desde 1970, e uma localizada nos EUA e Canadá, fundada em 1969, sendo considerado um centro de referência para equitação de deficientes. Na Itália temos um centro que foi constituído em 1977, e no Brasil temos a ANDE (Associação Nacional de Equoterapia), que foi fundada em 1989 e está localizada na Granja do Torto, em Brasília, na qual, de acordo com Ribeiro e Piantino (2016), realizam-se cursos e congressos internacionais.

Como descrito por Ribeiro e Piantino (2016), atualmente já existem mais de 400 centros de equoterapia nos estados brasileiros, reconhecidos pelo Conselho

Federal de Medicina (CFM), que, em Sessão Plenária aprovou o Parecer 06/1997, no dia 9 de abril de 1997, o que contribuiu para reconhecer os resultados obtidos com a utilização do método da equoterapia. Pode-se dizer que, no nosso país, a palavra equoterapia foi constituída pela Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil), para designar todas as práticas que utilizam o cavalo com técnicas de equitação e atividades equestres. Tais práticas têm como principal objetivo promover a reabilitação, o desenvolvimento psicomotor, físico e intelectual, bem como facilitar os processos de educação de pessoas com deficiências ou com necessidades especiais.

De acordo com o material *Indicações e contraindicações em equoterapia* (2017), a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE-Brasil) foi fundada no dia 10 de abril de 1989, e desde então, procura a qualificação do método terapêutico de equoterapia, buscando qualificar profissionais e disseminar esta prática terapêutica que promove uma reeducação, pautando-se em estudos científicos. Cabe ressaltar, com base nos livros da ANDE-Brasil, que a equoterapia enfatiza a reabilitação e educação, não meramente como uma forma de lazer, mas como um suporte pedagógico para o desenvolvimento de seus praticantes. É importante salientar um trecho muito pertinente, presente do material da ANDE-Brasil (2017, p. 3):

A equoterapia, tal como conceitua a Associação Nacional de Equoterapia – ANDE-BRASIL, é um método terapêutico que emprega o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar aplicada nas áreas de saúde e educação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com necessidades especiais.

Ainda de acordo com a Associação Nacional de Equoterapia (2015), define-se a equoterapia como um meio facilitador, que possibilita a obtenção de diversos benefícios, dentre eles a busca pelo bem-estar e pela qualidade de vida das pessoas, e tal método, como já mencionado, utiliza o cavalo como suporte, pois ele permite ganhos significativos de ordem física, psicológica, social e educacional, como cita a própria associação. O cavalo auxilia o praticante por meio dos seus movimentos tridimensionais, que são automaticamente realizados no decorrer dos passos do cavalo. De acordo com Sônego (2018), os passos dos cavalos levam o praticante à obtenção de respostas motoras muito importantes, dentre elas a regulação do tônus muscular, flexibilidade, equilíbrio e o aperfeiçoamento da coordenação motora, e, além disso, proporciona vários outros estímulos.

Sônego (2018) cita o autor Eckert (2013), que ressalta que o cavalo é o escolhido para estas práticas justamente por ser o único animal que produz movimentos sequenciais, semelhantes aos passos do ser humano. Ainda com base em Sônego (2018), destaca-se a importância desta prática para o processo de ensino e aprendizagem, pois esta atividade deixa os indivíduos mais motivados, engajados com as tarefas, o que facilita, proporcionando mais disposição para o aprendizado, memorização e concentração. Sônego (2018) enfatiza que estes ganhos são, também, muito positivos quando associados aos aspectos motores, espaciais, estruturais, de equilíbrio, além de aspectos sociais.

De acordo com Urbano (2018), alicerçado nas concepções de Medeiros e Dias (2002), a equoterapia pode ser definida como um método terapêutico e educacional, como já mencionado anteriormente, e este método utiliza o cavalo por meio de um viés interdisciplinar, envolvendo diversas áreas, dentre elas a da saúde, educação e equitação. Com base nestes mesmos autores, compreende-se que a equoterapia é utilizada na busca do desenvolvimento biopsicossocial, especialmente de pessoas que possuem alguma deficiência, porém, os benefícios podem ser conquistados por qualquer um que se envolver em práticas equestres e construir vínculos com os cavalos.

Com o passar dos anos, outros pontos serviram de marcos cruciais para a equoterapia, dentre eles a emissão do Parecer 06/1997, realizado pelo Conselho Federal de Medicina, em 9 de abril de 1997. Neste documento, a ANDE-Brasil, já mencionada, conceitua a equoterapia e apresenta a necessidade de aprofundar os estudos nesta área para comprovar cientificamente a sua eficácia. Obviamente, já percebiam a existência de diversos benefícios, mas o aprofundamento dos estudos se fez necessário. Medeiros e Dias (2002) ressaltam que, em 1999 foi realizado o Primeiro Congresso Brasileiro de Equoterapia.

Por meio do dizer de Urbano (2018), percebe-se que novos documentos e resoluções foram surgindo ao decorrer dos anos. Por exemplo, em 27 de março de 2008, temos a Resolução de número 348, em que o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, em Reunião Plenária Ordinária, acaba deliberando e considerando, por meio dos estudos científicos, que a equoterapia pode ser utilizada como um recurso terapêutico da Fisioterapia e da Terapia

Ocupacional, o que, portanto, tornou uma disciplina obrigatória na grade destas profissões. Urbano (2018) ressalta, com base na ANDE-Brasil (2007, p. 9):

A Equoterapia é praticada em mais de trinta países, entre eles o Brasil. Foi criada em 1989 a Associação Nacional de Equoterapia (Ande), “sociedade civil, de caráter filantrópico, terapêutico, educativo, cultural, desportivo e assistencial, sem fins lucrativos, com atuação em todo o território nacional”.

Além disso, a autora destaca algumas responsabilidades da ANDE-Brasil (2007, p. 9):

Tem como responsabilidade: normatizar, supervisionar, controlar e coordenar, em âmbito nacional, a prática da Equoterapia das entidades filiadas; capacitar recursos humanos, pesquisas, estudos e levantamentos estatísticos referentes à Equoterapia e à equitação, propiciando condições para o avanço científico-tecnológico e formação de pessoal, técnico especializado... Elaborar e disponibilizar material didático e informativo sobre a Equoterapia.

Com base nas observações e apontamentos realizados por Urbano (2018), compreende-se que a ANDE-Brasil busca controlar e padronizar a prática da equoterapia em todo o território nacional. Isso funciona por meio de documentos que devem ser regularizados e de cadastros efetuados pela associação, para que haja a existência de centros filiados. Este controle rígido serve para “garantir a segurança e ética através do atendimento por pessoas habilitadas”, como cita Urbano (2018, p. 9). Por meio disso, é mais fácil se aprofundar na temática, manter os estudos em torno da equoterapia, ampliar a qualificação dos profissionais e construir um bom planejamento. De acordo com Urbano (2018, p. 57):

Dentro disso há os direitos da filiação: apoio técnico e científico, divulgação do Centro, certificado anual do centro filiado, entre outros, e há também os deveres na filiação: respeitar as normas e o estatuto da ANDE-Brasil, manter o padrão ético profissional e atender aos princípios de segurança física e de seguridade do praticante.

Urbano (2018, p. 57) ainda destaca o Projeto de Lei 4761-A:

O Congresso Nacional decreta no Projeto de Lei (PL) nº 4761-A de 2012 regulamentando a Equoterapia no país. Em tal PL é apresentado o conceito de Equoterapia, especificando o praticante da terapia a pessoa com deficiência que pratica a mesma, e, em seu artigo segundo “a prática de Equoterapia é condicionada a parecer favorável em avaliação médica, psicológica e fisioterápica”.

Por meio deste decreto de Projeto de Lei, outras medidas são tomadas, dentre elas a lista de profissionais que podem e devem atuar na equoterapia para

que a prática seja interdisciplinar, por meio de uma equipe multidisciplinar. De acordo com Urbano (2018, p. 57-58):

No artigo terceiro – item I, é explicitada a constituição mínima da equipe: médico, médico veterinário e uma equipe de atendimento (psicólogo, fisioterapeuta e um profissional de equitação). De acordo com o trabalho desenvolvido e seus objetivos essa equipe pode ser integrada por outros profissionais, como pedagogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e professor de educação física os quais deverão possuir curso específico de Equoterapia.

Para finalizar o capítulo, destaca-se um marco crucial para a equoterapia no Brasil, que ocorreu neste ano, 2019. Foi sancionada a regulamentação da equoterapia, por meio da Lei nº 13.830, que regulamenta a equoterapia como método de reabilitação de pessoas com deficiência, sendo sancionada pelo atual presidente da República e divulgada, oficialmente, no dia 14 de maio de 2019. De acordo com a nova legislação, a prática de reabilitação, que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, deverá ser exercida por uma equipe multiprofissional, envolvendo os profissionais já mencionados anteriormente, dentre eles, o pedagogo. Cabe ressaltar que, além da formação, os profissionais também deverão possuir curso específico na área da equoterapia.

Destaca-se também, que deve haver o acompanhamento das atividades desenvolvidas pelo praticante, por meio de um registro periódico, mantendo as informações em prontuário. Ressaltando que, os centros de equoterapia somente poderão funcionar por meio de um alvará de funcionamento da vigilância sanitária. O autor desta proposta foi o senador Flávio Arns (Rede-PR), e seu projeto destaca que tal prática passa a ser condicionada a um parecer favorável, com avaliação médica, fisioterápica e psicológica.

2.2. O PEDAGOGO NA EQUOTERAPIA: UMA POSSIBILIDADE

Percebe-se que muitos são os profissionais que podem atuar com a equoterapia, dentre eles, nosso foco de estudos, o pedagogo. Além disso, vários espaços podem contemplar essa prática, contanto que sigam as regulamentações da ANDE-Brasil. Cabe ressaltar que todos os indivíduos devem se qualificar em equitação, para então, trabalhar com isso. Só a graduação não é suficiente, pois é

necessário aprender um pouco sobre a anatomia dos cavalos, sobre seus aspectos comportamentais, como se encilha o cavalo e como se maneja o animal.

Para intensificar esta proposta de trabalho, deveremos nos aprofundar em questões que tangem a equoterapia, iniciando a análise de materiais da ANDE-Brasil, com base nos livros *Indicações e contraindicações em equoterapia*, produzido em 2017, e *Princípios éticos na equoterapia*, produzido em 2016, ambos elaborados pela associação. De acordo com o livro *Indicações e contraindicações em equoterapia* (2017), a Associação Nacional de Equoterapia fundou-se no dia 10 de abril de 1989, completando neste ano, 30 anos. Além disso, esta associação desenvolve esforços para que esse método terapêutico seja sempre norteado por fundamentações científicas. No nosso estado temos a AGE/RS – Associação Gaúcha de Equoterapia – que foi criada em 09 de dezembro de 1995, sendo precursora desta prática no estado, porém baseando-se na importante ANDE-Brasil, que possui como sede o Estado do Distrito Federal/Brasília, possibilitando que, por meio de suas iniciativas, muitas outras instituições fossem constituídas ao longo destes últimos 30 anos.

Ao longo deste período, muitos acontecimentos marcaram a equoterapia no Brasil. De acordo com a Associação Nacional de Equoterapia (2017), algo muito importante foi quando o Conselho Federal de Medicina (CFM), em Sessão Plenária, aprovou o parecer 06/1997, no dia 09 de abril de 1997. Tal documento ressalta que a equoterapia é, de fato, um método terapêutico que utiliza o cavalo numa concepção interdisciplinar, que envolve as áreas da saúde e da educação, com intuito de gerar um desenvolvimento biopsicossocial em pessoas com necessidades especiais. Além disso, a ANDE-Brasil deve ter como foco o oferecimento da equoterapia como meio de reabilitação, de educação e de inserção social dos indivíduos com necessidades, para então lhes propor uma melhor qualidade de vida.

O trabalho do pedagogo na equoterapia contribui com as atividades já desenvolvidas nas escolas – especiais ou regulares. Nas sessões equoterápicas, o pedagogo auxilia no processo de aprendizagem desenvolvido no ambiente escolar, desenvolvendo formas que facilitem a construção e evolução deste processo de ensino-aprendizagem como um todo, buscando solucionar algumas dificuldades que possam estar prejudicando a assimilação, memorização ou o processo cognitivo dos

praticantes. De acordo com autores como Lermontov (2004), Medeiros e Dias (2003), Brito (2006), dentre outros, compreende-se que, na equoterapia trabalham-se a segurança, afetividade, psicomotricidade, ludicidade, disciplina, articulações da fala, além do raciocínio lógico-matemático, ensino-aprendizagem, formações morais e sensoriais, aspectos que devem ser articulados e desenvolvidos no decorrer das sessões. Dessa forma, cabe ao profissional envolvido, no caso o pedagogo, adequar as sessões de acordo com cada praticante, respeitando os limites de aprendizagem e interação, visando o desenvolvimento das potencialidades individuais de cada um.

2.3. O CAVALO E A EQUOTERAPIA

Para Medeiros e Dias (2002), é essencial que, para realizar a equoterapia os profissionais tenham conhecimento do cavalo, acerca da sua constituição anatômica, biomecânica e o manejo, como já foi citado anteriormente, que se deve ter com este animal. Segundo as autoras Medeiros e Dias (2002, p. 4), o cavalo é um “quadrúpede, perissodáctilo, solípede, da família dos Equídeos, subdivide-se estruturalmente em cabeça, pescoço, tronco e membros”. De acordo com Lermontov (2004), o cavalo é documentado desde a arte pré-histórica das cavernas, um ser presente nas lendas e na mitologia, demonstrando atração, medo e fascinação dos homens. Além disso, ainda com base em Lermontov (2004), entende-se que a convivência do homem e do animal proporcionou uma integração, um entendimento e um apego entre ambos. Para Lermontov (2004, p. 52-53), o cavalo é um

animal dócil, de porte e força, deixa-se montar, manusear, e se transforma em amigo do homem, criando com ele relacionamento afetivo importante, sendo personagem em sua vida e ponto de contato sedutor com o mundo que o rodeia. O cavalo e o homem estabelecem relação harmoniosa e conseguem atuar juntos. O código usado nessa relação é o da afetividade, estabelecida graças à confiança recíproca.

Como descrito por Lermontov (2004), o cavalo é um mamífero, herbívoro e que não é agressivo. É considerado um quadrúpede com locomoção muito semelhante à dos seres humanos. De acordo com a autora, estes animais procuram viver em manadas, o que lhes faz sentir mais segurança, e, diante das percepções da autora, tais animais apresentam o sistema límbico bem desenvolvido, um córtex considerado pequeno, com capacidade de raciocínio associativo. Segundo Lermontov (2004), a visão do cavalo é imprecisa, muitas vezes enxerga apenas

alguns movimentos, e também é de fácil domesticação, por apresentar o que autora designa como “características juvenis”, que lhes permitem o aprendizado. A autora enfatiza que há a comunicação “mediante sons e linguagem corporal”.

Lermontov (2004) destaca as diferenças existentes entre alguns tipos de cavalo, como por exemplo, os cavalos de tração, que se caracterizam por serem pesados, grandes, com muita massa muscular e ossos maiores, enquanto os cavalos do campo costumam ser mais rústicos e pequenos, para poderem se movimentar com mais rapidez. Os cavalos de corrida precisam ser rápidos, ágeis, mais leves, como cita a autora, e alguns outros animais, como é o caso dos árabes, considera-se muito a sua estética e beleza. Segundo Lermontov (2004, p. 54), pautada nas ideias de Hontang (1988):

O cavalo é muito preciso em suas sensações táteis. Através delas é que o homem consegue submetê-lo à sua vontade. Toda a parte mecânica do adestramento do cavalo dirige-se quase somente às sensações registradas por sua epiderme e por suas mucosas. Segundo o autor, os pelos táteis da extremidade do nariz do cavalo doméstico são usados para reconhecer os objetos. É através desses pelos que o animal tem noções de distância. O cavalo pode, por meio de suas patas, testar o terreno em que pisa, sendo esta uma das qualidades rápidas do cavalo.

Na visão de Lermontov (2004), vários outros pontos referentes ao cavalo devem ser considerados. Segundo a autora, os cavalos possuem o olfato muito aguçado, possuem muita atenção e o “paladar e o olfato se complementam”, o que os ajuda na percepção dos objetos, enquanto a audição funciona como uma “complementação da visão”. A autora afirma que o cavalo também possui a memória bem desenvolvida e que reflete o temperamento da pessoa que “lida com ele”. Suas ações são automáticas, então, por vezes, ocorrem movimentos provocados por reflexos, sem que o próprio animal perceba ou tenha se dado conta de sua ação. De acordo com Lermontov (2004, p. 54),

a perfeição de seu sistema nervoso e a acuidade de seus sentidos, bem superior à do homem, fornecem a rapidez da coordenação sensório-motora, na qual, o cavalo é insuperável, porém não só as sensações implicam na conduta do animal. Ele modifica seu comportamento por processos de memória, associação de ideias e de um raciocínio sumário.

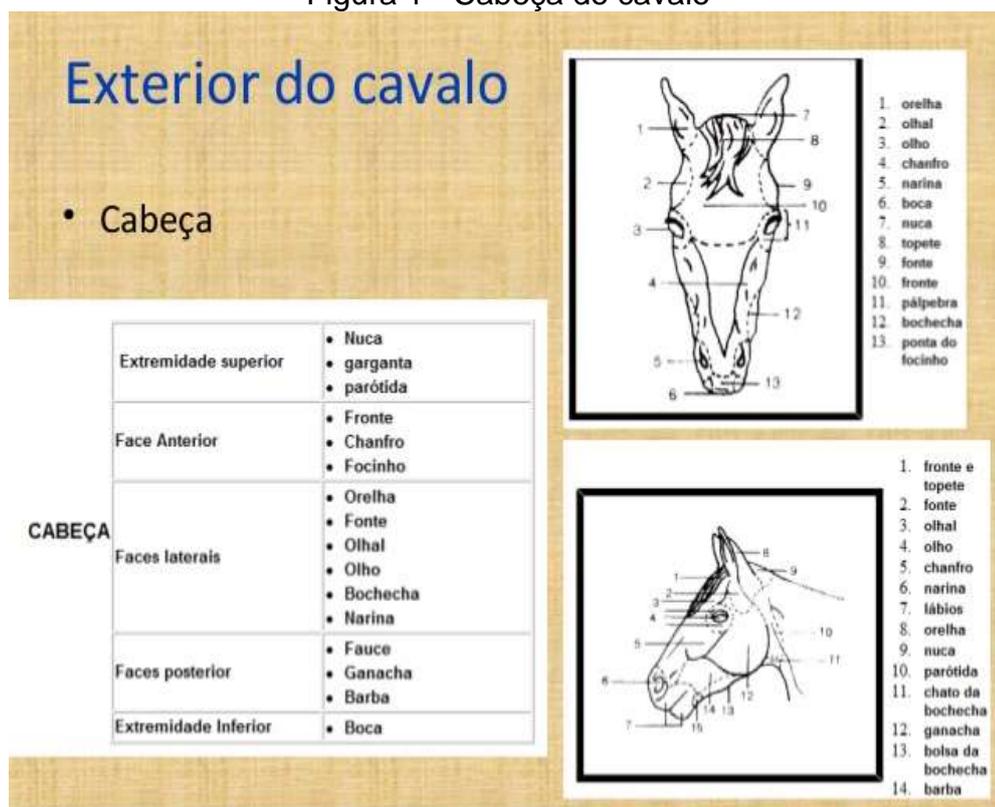
Além disso, a autora ressalta o quanto o cavalo é inteligente, e é justamente isso que lhe permite ser educado e faz com que consiga se adaptar às diversas formas de uso/domesticação. De acordo com Lermontov (2004), é importante que, antes de tudo, o cavalo se desprenda do medo, da emotividade, do nervosismo,

para que nem ele e nem o próprio homem-praticante se prejudique. É essencial que ambos estejam calmos e confiantes.

O fato de o cavalo possuir uma boa memória também facilita no seu processo de adestramento. A autora destaca que o cavalo é imprescindível e tem destaque na reabilitação e educação de pessoas com necessidades especiais, pois seu movimento tridimensional proporciona condições para a reabilitação destas pessoas. Por fim, Lermontov (2004) destaca que é necessário investir na melhor qualidade de vida biopsicossocial de todos os integrantes da equipe, profissionais, praticantes e os cavalos. “Só o cavalo pode transmitir ao seu cavaleiro uma sensação de segurança, pelo calor de seu corpo e das batidas de seu coração” (p. 55).

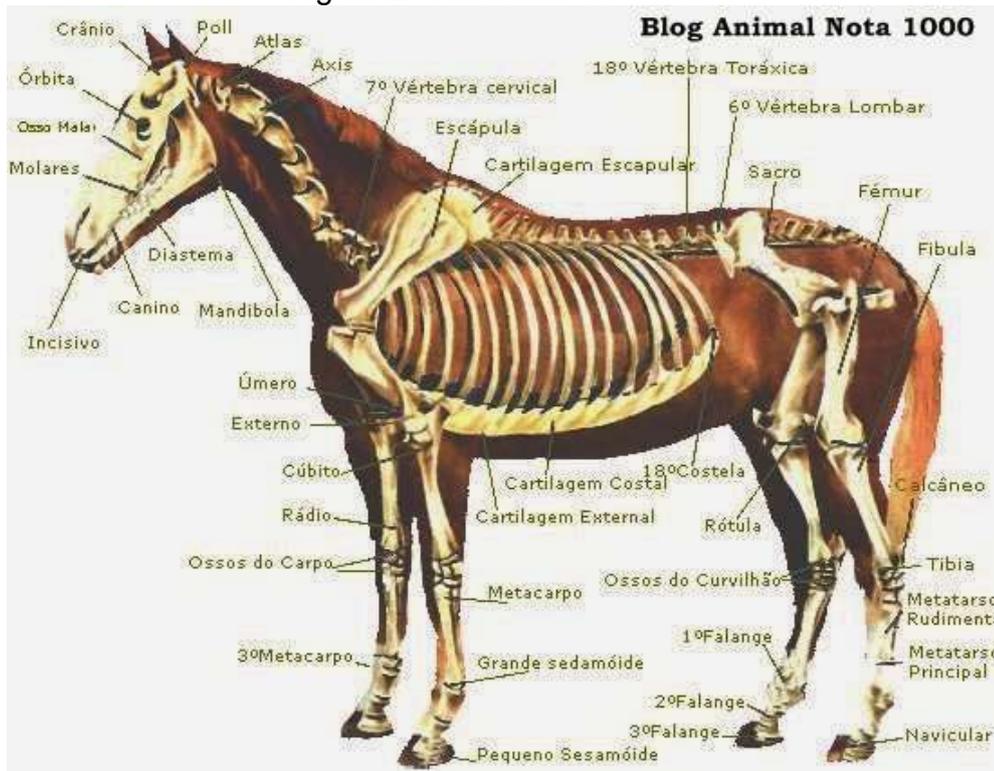
O corpo do cavalo é constituído basicamente por quatro partes: cabeça, pescoço, tronco e membros:

Figura 1 - Cabeça do cavalo



Fonte: SlideShare (2019).

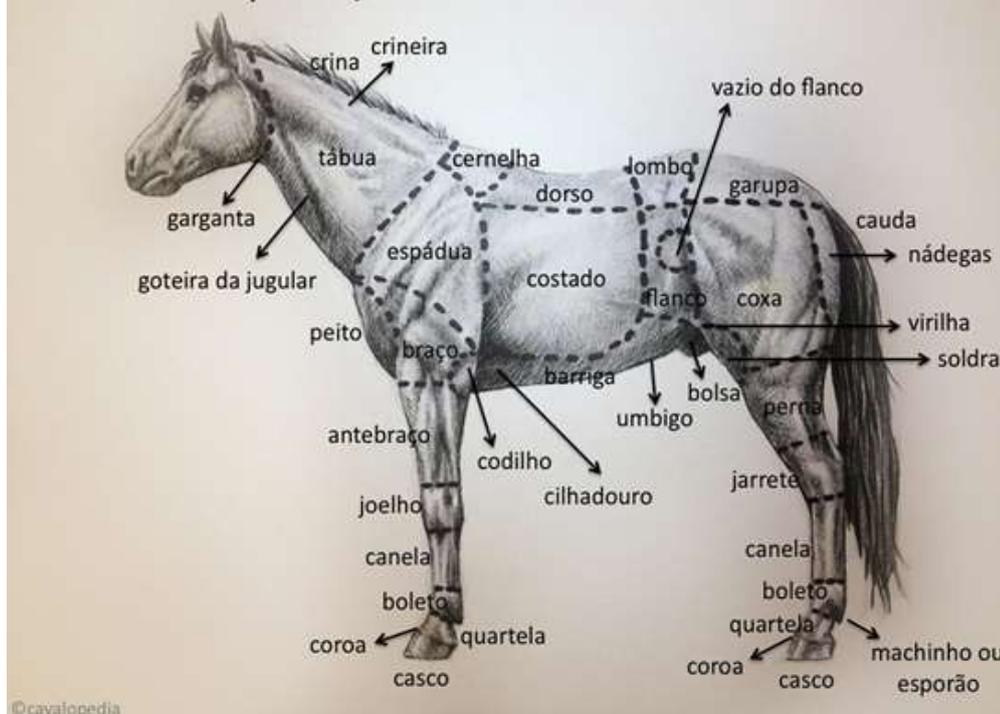
Figura 2 - Anatomia do cavalo



Fonte: Blog Animal Nota 1000 (2019).

Figura 3 - Partes do pescoço, tronco e membros do cavalo

Partes do pescoço, tronco e membros do cavalo



Fonte: Cavalopedia (2019).

2.4. O FUNCIONAMENTO DAS ANDADURAS DO CAVALO E OS ESTÍMULOS DOS SEUS MOVIMENTOS

De acordo com Lermontov (2004), o passo do cavalo é a andadura básica utilizada na equitação. A autora afirma que o cavalo nunca se encontra totalmente parado. Ele realiza a troca de apoio das patas, move sua cabeça ao olhar para os diferentes lados, realizando flexões da coluna, baixando e alongando o pescoço, dentre tantos outros movimentos. Portanto, o praticante sofre diferentes estímulos, o que autora se refere a três forças distintas sobre o cavalo. Ocorre uma força de cima para baixo, denominada plano vertical, uma força lateral alternada, denominada plano horizontal/eixo transversal, e uma força sobre o plano posterior/anterior, denominada plano horizontal/eixo longitudinal. Estas três forças constituem o que já mencionamos, que é o importante movimento tridimensional. Tal movimento foi estudado, inicialmente, pelo médico alemão Samuel Theodor Quelmaz.

Os movimentos anteriormente mencionados associam-se a um quarto. Para Lermontov (2004), este quarto movimento pode estar interligado a uma torção da bacia do cavaleiro, contemplando a “ordem de oito graus para cada lado”. Esse movimento ocorre com base no posicionamento do cavaleiro, ou seja, o cavaleiro pode estar sentado com uma perna de cada lado do animal, o que gera a combinação da inflexão da coluna do cavalo, com o abaixamento da anca do animal, permitindo que o quadril acompanhe a respectiva torção. Cabe destacar, que cada passo gera um movimento de rotação do quadril, às vezes para um lado e às vezes para outro.

Lermontov (2004) destaca que ocorrem deslocamentos da cintura pélvica, o que produz vibrações nas regiões osteoarticulares, que são transmitidas ao cérebro por meio da medula, podendo ter uma frequência de 180 oscilações por minuto, contribuindo e sendo adequado para a saúde. A autora ainda afirma que, o passo completo do cavalo apresenta padrões muito semelhantes aos do caminhar dos seres humanos, pois o homem também inicia os seus movimentos, o seu caminhar, por meio de perdas e retomadas de equilíbrio, e também dá sequência ao deslocamento por meio da força muscular dos membros inferiores. Não cabe salientar todos os benefícios específicos de cada movimento, sendo destacados apenas alguns.

De acordo com Lermontov (2004), o movimento produzido pelo cavalo é muito complexo, ou seja, bem como os inúmeros estímulos que são produzidos. Tais movimentos geram impulsos que acionam o sistema nervoso, possibilitando que ele produza respostas capazes de dar seguimento a esta atividade. É como se, automaticamente, os passos, movimentos e estímulos do cavalo fossem transmitidos ao cavaleiro através da relação do praticante e o dorso do animal. A autora também descreve que, nesta terapia ocorre o movimento considerado ajuste tônico ritmado, que determina uma mobilização osteoarticular que facilita muitas informações proprioceptivas, que podem auxiliar na criação de novos esquemas motores.

Seguindo estas concepções, compreende-se que os glúteos, em contato com o dorso do cavalo, passam muitas informações, além de envolver a face interna das coxas e das panturrilhas. As mãos, dominando as rédeas, também produzem muitas informações. Assim, afirma Lermontov (2004, p. 66-67):

A cada passo do cavalo, o centro de gravidade do praticante é defletido da linha média, estimulando as reações de equilíbrio, que proporcionam a restauração do centro de gravidade dentro da base de sustentação. O sistema vestibular é, assim, repetidamente solicitado, estimulando, de modo contínuo, suas conexões entre os canais semicirculares, onde as células ciliares e otólitos captam as oscilações da endolinfa provocadas pelos movimentos da cabeça, com o cerebelo, tálamo, córtex cerebral, medula espinhal e nervos periféricos, em ambos os sentidos, ascendente e descendente.

Para Lermontov (2004), o cavalo, ao se movimentar, exige do cavaleiro muitos ajustes tônicos, para que possa se adaptar e, conseqüentemente, se equilibrar sobre o animal. Segundo a autora, a quantidade de repetições dos movimentos torna o exercício muito intenso e, por este motivo, recomenda-se que as sessões de equoterapia não ultrapassem o período de 30 minutos. Para termos uma noção, o ritmo do passo tem frequência de 1 a 1,25 movimentos por segundo, que leva o praticante a executar cerca de 1.800 a 2.250 ajustes tônicos em apenas uma única sessão (em 30 minutos). Destacaram-se, até então, informações relacionadas de forma mais específica aos movimentos proporcionados por meio do passo do cavalo, já o trote ou galope proporcionam outros estímulos, mas são menos utilizados.

Figura 4 - Passo do cavalo



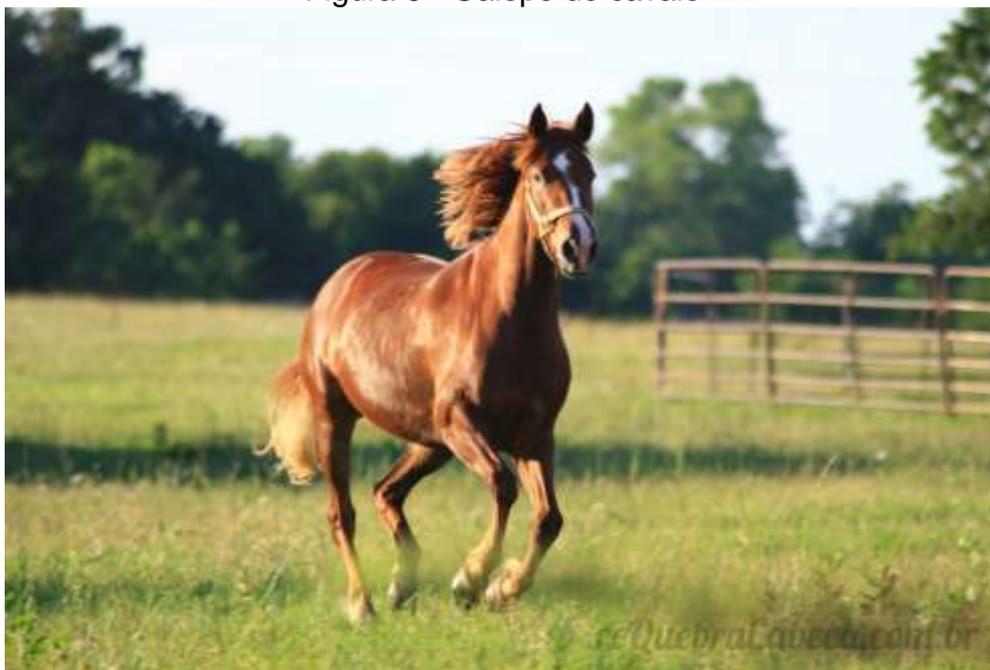
Fonte: Blog Equoterapia & Equitação especial (2019).

Figura 5 - Trote do cavalo



Fonte: Pixabay (2019).

Figura 6 - Galope do cavalo



Fonte: Geniol (2019).

Apenas para concluir este fragmento, destaco mais uma breve afirmação pautada na obra *Fundamentos doutrinários da equoterapia no Brasil*, da ANDE-Brasil (1999, p. 8): “o trote, por seu movimento vertical e saltitante, determina uma ação reflexógena muito estimulante, podendo ser utilizada nas paralisias periféricas do tipo pálio, mas jamais nas de origem central”.

A autora Lermontov (2004, p. 70-71) afirma que, o trote é um movimento mais rápido que o passo, e por isso, as informações que são transmitidas ao praticante são diferentes das que ocorrem quando o animal está a passo.

o trote é uma andadura simétrica, saltada, fixada a 2 (dois) tempos, na qual os membros de cada bípode diagonal se elevam e pousam simultaneamente, com um tempo de suspensão entre o pousar de cada bípode diagonal.

Ainda afirma que o trote é uma andadura

simétrica, porque os movimentos da coluna vertebral em relação ao eixo longitudinal do cavalo são simétricos; é fixada, porque os movimentos do pescoço são quase imperceptíveis (são bastante limitados); e é a 2 (dois) tempos, porque entre o elevar de bípode diagonal até o seu retorno ao solo (inclusive) ouvem-se 2 (duas) batidas. É uma andadura na qual o cavalo conserva uma atitude de conjunto quase constante (LERMONTOV, 2004, p. 71).

Lermontov (2004) afirma que, durante o trote ocorre um aumento na frequência cardíaca do praticante, de 62,5%, “podendo ser comparado a uma caminhada acelerada”. Segundo a autora, o galope é “uma andadura natural, assimétrica, diagonal saltada, muito basculada, a 3 (três) tempos, seguidos por uma interrupção”. De acordo com ela,

é assimétrica, porque os movimentos da coluna vertebral em relação ao eixo longitudinal do cavalo são simétricos; é saltada, porque existe um tempo de suspensão; é muito basculada, em razão dos amplos movimentos do pescoço; e é 3 (três) tempos porque entre o elevar de um membro ou membros associados, até seu retorno ao solo ouvem-se 3 (três) batidas. Após o terceiro tempo e antes do tempo seguinte, tem-se um intervalo durante o qual o cavalo se equilibra no ar, tempo de suspensão, intervalo aproximadamente igual ao tempo que separa qualquer passada (LERMONTOV, 2004, p. 71).

Ainda com base em Lermontov (2004), conclui-se que, no galope há um aumento de 67% na frequência cardíaca do praticante, podendo ser comparado ao ciclismo ou a corrida. A seguir, destaca-se uma importante imagem que revela um pouco sobre o que acontece quando a pessoa realiza a montaria, neste caso, observando os movimentos do corpo e os estímulos que são gerados ao cérebro por meio da equoterapia. É possível perceber a semelhança dos movimentos realizados pelo cavalo, aos próprios passos dos seres humanos. Além disso, demonstra-se os estímulos fornecidos por meio da equoterapia, elencando os impulsos gerados para a coluna do praticante. Tais estímulos são encaminhados ao sistema nervoso central, constituindo novas sinapses.

Figura 7 - O que acontece quando a pessoa monta



Fonte: Associação de Equoterapia Vassoural (2019).

3. AS FASES DA EQUOTERAPIA

Para Medeiros e Dias (2002), a equoterapia é dividida em três fases: a aproximação (primeira fase), a montaria (segunda fase) e a separação (terceira fase). Na primeira fase, os praticantes são submetidos a se aproximar do cavalo lentamente. Como citam as autoras, o poder, a força, a coragem e o espírito selvagem destes animais, encanta, mas também distancia algumas pessoas, pois ao mesmo tempo que desperta curiosidade, ele também desperta a apreensão. Como afirmam as autoras, muitos praticantes possuem medo do equino, e este medo está associado à “impossibilidade de prever e controlar ações específicas”.

Segundo Medeiros e Dias (2002), deve-se propor, inicialmente, algumas atividades que permitam que o paciente/aluno participe ativamente. Essas atividades são simples, como: observar, alimentar, agradar o animal, ajudar com a limpeza do local e a encilhar, dentre outras funções que, aos poucos, ajudam o praticante a se aproximar e perder o medo do animal. A segunda fase (montaria) é, segundo as autoras, a fase central da sessão, pois é nesta fase que o paciente irá realizar as atividades sobre o dorso do cavalo. De acordo com elas, a terceira fase (separação)

representa o término da atividade sobre o dorso do cavalo, ou seja, representa a finalização das atividades e da sessão. Neste momento, deve-se desencilhar o cavalo, dar banho nele e colocá-lo no espaço que lhe seja adequado.

3.1. EQUIPAMENTOS UTILIZADOS SOBRE O CAVALO PARA A MONTARIA

Segundo Lermontov (2004), os equipamentos utilizados na equoterapia são, basicamente, manta grossa de lã ou espuma, que deve envolver todo o dorso do cavalo e as regiões laterais de seu tronco, devendo ser presa na barriga do cavalo por meio de uma cinta, e a embocadura, peça de metal, articulado no centro ou não. Este equipamento tem outros nomes, como bridão ou freio, e é colocado na boca do animal, “por onde se transmite diretamente o comando para o cavalo, exercido pelas mãos do cavaleiro nas rédeas” (p. 75).

A autora destaca mais três equipamentos importantes: a cabeçada, cabresto e o cilhão. A cabeçada é uma peça confeccionada em couro, que, de acordo com Lermontov (2004), se coloca na cabeça do cavalo com uma parte do focinho e depois se prende a embocadura. O cabresto é colocado na cabeça do cavalo, pois é um guia de trabalho para o animal, constituído por uma tira longa de couro presa na cabeçada. Por fim, temos o denominado cilhão, que é uma tira larga de couro acolchoada, com duas argolas para se segurar, sendo colocado sobre o dorso do cavalo, com um estribo em cada lado. Os estribos são duas peças de metal que fazem parte da encilha, e servem para possibilitar que o cavaleiro consiga “subir e firmar os pés quando montado no cavalo e para descer dele” (p. 76).

Figura 8 - Encilhas usadas na equoterapia: cilhão com alça baixa

ENCILHAS USADAS NA EQUOTERAPIA



- **Cilhão com alça baixa** – Proporciona que o praticante use a encilha manta para aumentar as oscilações tônicas e ainda tenha como usar estribos

Fonte: SlideShare (2019).

Figura 9 - Encilhas usadas na equoterapia: sela adaptada

ENCILHAS USADAS NA EQUOTERAPIA



- **Sela adaptada** Apresenta o que chamamos de auxílio de postura (Coxim) para praticante que tem grandes dificuldades de se manter na posição ideal (centro de gravidade)

Fonte: SlideShare (2019).

Figura 10 - Encilhas usadas na equoterapia: estribos abertos

ENCILHAS USADAS NA EQUOTERAPIA



■ **Estribos abertos** – Usados com praticantes que tem mais autonomia e também boa propriocepção

Fonte: SlideShare (2019).

3.2. O CAVALO IDEAL

Para Medeiros e Dias (2002), o cavalo considerado ideal para ser utilizado como instrumento terapêutico na prática da equoterapia, é aquele que tem o andamento sendo o trote, pois nos animais de marcha não se observa o movimento infra-superior, que é um dos facilitadores para o alcance dos objetivos neuromotores. Segundo ela, os animais machos castrados também são uma opção, por não sofrer mais influências hormonais que possam criar situações perigosas durante a sessão. Deve-se levar em conta a idade do animal, sendo acima de 10 anos, pois após esta idade, o cavalo já está mais maduro e calmo. A altura não deve ultrapassar 1,50 m, com o objetivo de facilitar o acesso do terapeuta ao paciente. Além disso, é importante que o animal tenha boa índole, ou seja, que seja muito dócil, para facilitar o seu manejo. Para a equoterapia, não existem raças ideais, apenas algumas características que devem ser consideradas.

3.3. A ESTRUTURA DO LOCAL

Em relação à estrutura do local de atendimento, utilizaremos alguns conceitos presentes na obra *Princípios éticos na equoterapia* (2016), desenvolvida pela ANDE-Brasil. O local deve ser e ter uma boa apresentação geral das instalações, tendo, portanto, pessoas qualificadas para isso. O ambiente deve ser favorável e adequado para o bem-estar dos cavalos e dos respectivos praticantes,

possuindo também, aspectos de acessibilidade e manutenção. É importante, segundo a ANDE-Brasil, que no local haja um espaço destinado aos familiares, que possam estar acompanhando os praticantes, além de conter um “esquema de atendimento imediato para pequenos acidentes e problemas de saúde pré-existentes, assim como para a prestação de socorro em caso de emergência” (p. 15).

Segundo a ANDE-Brasil (2016), alguns outros pontos são difíceis de definir, mas é importante que o local tenha diferentes tipos de terreno, com trechos planos, ondulados e irregulares. Também deve conter áreas com grama e terra, instalações sanitárias adequadas e adaptadas, boas condições para a movimentação e acessibilidade, tudo de acordo com a legislação vigente, devendo ser um local bem higienizado, organizado e com boa iluminação. Todos os profissionais devem ter cuidado e “preocupação”, como cita a obra da ANDE-Brasil, em relação à segurança durante as práticas da equoterapia.

3.4. CARACTERÍSTICAS DO PROFISSIONAL DA EQUOTERAPIA

Segundo a ANDE-Brasil (2016), o profissional que atua com a equoterapia é designado como mediador, e cada um busca direcionar “os conhecimentos específicos de sua área de formação, visando atingir os objetivos estabelecidos pela equipe de atendimento para cada praticante” (p. 12). Para isso, é essencial que o mediador tenha conhecimentos sobre a sua área profissional e tenha familiaridade com o cavalo e com as práticas equestres. Segundo a ANDE-Brasil (2016), o profissional, o mediador, deve atuar “com cordialidade, profissionalismo e empatia, buscando a integração de todos os envolvidos e respeitando suas próprias limitações pessoais e de competência” (p. 12).

Ainda segundo a associação, vários aspectos são importantes para a atuação do mediador, como a postura profissional, o cuidado com sua maneira de falar, além de ser gentil, se manter atualizado, ter sigilo profissional, não levar problemas pessoais para este ambiente, ter consciência da importância do relacionamento mediador/cavalo, dedicar-se à pessoa com deficiência, respeitar a equipe, praticar atividades físicas, inclusive a equitação, e estar preparado para o atendimento em primeiros socorros. Dentro destes apontamentos, destaco um

aspecto muito importante: “ter formação específica em equoterapia, competência técnica e evitar atitudes arrogantes no desempenho de seu trabalho” (ANDE-BRASIL, 2016, p. 13). E também, de acordo com a obra Indicações e contraindicações (ANDE-BRASIL, 2017, p. 5),

o equoterapeuta deve ser um profissional da área da saúde que atua em reabilitação física ou mental (fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia e psicologia, entre outras) ou um profissional da área educacional (pedagogia e educação física). É imprescindível que tenha em seu currículo um curso de formação reconhecido e credenciado no Brasil para iniciar o trabalho de forma segura e responsável, já que o manejo do animal é de responsabilidade do profissional da equitação, habilitado em equoterapia, o que exige habilidades específicas e de importante conhecimento para que os resultados sejam obtidos.

3.5. INDICAÇÕES E CONTRAINDICAÇÕES DA EQUOTERAPIA

Destaco, com base na obra mencionada no tópico anterior, que a equoterapia apresenta algumas indicações e contraindicações, pois conforme as especificidades de algumas deficiências, paralisias e necessidades, a prática não é permitida. Recomenda-se, segundo a ANDE-Brasil, que seja observada a idade mínima para os praticantes, que é de 2 anos, exceto para os que possuem Síndrome de Down, pois nesse caso, é de 3 anos. Há observações específicas, que devem ser cuidadosamente analisadas nos respectivos casos relacionados a coluna vertebral, luxação e subluxação, traqueostomia, asma e alergia, Síndrome de Down, válvula de derivação ventrículo-peritoneal, gastrostomia e colostomia, epilepsia, autismo, mielomeningocele, deformidades articulares, hérnia de disco, hemofilia, psicose e esquizofrenia.

Segundo a ANDE-Brasil (2017), os pacientes que possuem instabilidade atlantoaxial, que usam sonda nasogástrica, que têm crises de epilepsia, possuem doenças degenerativas, lesões completas da mielomeningocele, deformidades, lesão medular, psicose que não esteja regulada, que apresentam doenças reumáticas ou apresentam muita febre, não podem ser submetidos à prática da equoterapia. Além das indicações e contraindicações mencionadas, existem outras especificidades que não foram mencionadas e que devem ser consideradas. Cabe ressaltar, que a decisão pela equoterapia deve considerar o perfil da criança ou jovem, e indicações de profissionais que devem lhe acompanhar.

4. O PAPEL DO PEDAGOGO NOS ESPAÇOS NÃO FORMAIS E NA EQUOTERAPIA

Neste capítulo buscaremos compreender um pouco mais sobre o campo de atuação do pedagogo, buscando analisar a sua relação com o âmbito da equoterapia. Iniciamos nossas reflexões com base em Ceroni (2006), que realiza um estudo em torno do perfil do pedagogo para a atuação em espaços não escolares. O mundo do trabalho globalizado constitui a tarefa de pensar em novas formas de relações trabalhistas, além disso, tem-se a necessidade de “organizar o processo de trabalho e as influências que articulam o desenho do novo mapa mundo” (p. 2). Diante das ideias da mesma autora, compreende-se que um dos meios afetados pela globalização e pelas mudanças na esfera do mundo do trabalho é o meio acadêmico, pois é por meio dele que se constituem diversos profissionais, aos quais são lançados a um mundo já afetado.

Para Ceroni (2006), ocorre, portanto, o que ela denomina de fragmentação dos saberes, e esta fragmentação traz um desafio à educação e ao ensino contemporâneo: religar os conhecimentos diversos. Para ela, as mudanças mais intensas do campo educativo estão ocorrendo desde as reformas dos anos 80 e 90, e essas mudanças trazem novos desafios para o curso de Pedagogia. Dentre elas, a exigência que a atuação do pedagogo ultrapasse os âmbitos escolares, ou as “fronteiras das escolas” (p. 3), como cita a autora. Estas transformações permitem que o pedagogo atue em outras instituições, pois ocorrem mudanças também em seu currículo, o que lhe capacita para atuar nos espaços não formais.

Ceroni (2006) faz alguns recortes em torno das concepções de Libâneo (1999), das quais, ele destaca que há duas décadas, “várias organizações científicas e profissionais de educadores, têm debatido em todo o país, questões relativas ao campo de estudo da Pedagogia, da identidade profissional do pedagogo, do sistema de formação de pedagogos, da estrutura do conhecimento pedagógico” (p. 3). Além disso, conforme Libâneo (1999, p. 59):

Todos os educadores seriamente interessados nas ciências da educação, entre elas a Pedagogia, precisam concentrar esforços em propostas de intervenção pedagógica nas várias esferas do educativo para enfrentamento dos desafios colocados pelas novas realidades do mundo contemporâneo.

Ceroni (2006) complementa que, diante das modificações na legislação e no currículo dos cursos de Pedagogia, uma das questões fundamentais em que a Pedagogia deveria estar integrada é voltada ao ensino e à pesquisa, pois, de acordo com ela, não se pode pensar num pedagogo “que não saiba, ou que não possa ensinar/pesquisar” (p. 3). Diante disso, o pedagogo passa a entender que a mudança pedagógica não é somente promover a “autoaprendizagem de seu aluno fora da sala de aula, mas também ele próprio vivenciar novas experiências e caminhar para novas descobertas de suas habilidades e competências fora da abrangência escolar” (p. 3). Com isso, de acordo com a autora, começa a se ampliar a dimensão pessoal e social, relacionada ao conceito de educador.

Seguindo com essa análise, Ceroni (2006) destaca as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia que foram aprovadas em dezembro de 2005, às quais apresentam que a educação do pedagogo “deve propiciar estudos de campos do conhecimento” (p. 4), dentre eles: o campo filosófico, histórico, antropológico, ambiental-ecológico, psicológico, linguístico, sociológico, político, econômico e cultural, para então ser possível se observar e analisar a “execução e avaliação do ato docente” (p. 4). Isso, com o intuito de orientar as práticas de gestão e os processos educativos escolares e não escolares. Seguindo a ideia desta mesma autora, destaca-se um fragmento das Diretrizes, o qual retrata o perfil do egresso:

[...] atuar com ética e compromisso com vistas à construção de uma sociedade justa, equânime, igualitária; trabalhar, em espaços escolares e não escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo; identificar problemas socioculturais e educacionais com postura investigativa, integrativa e propositiva em face de realidades complexas, com vistas a contribuir para superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras; participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não escolares; realizar pesquisas que proporcionem conhecimentos, entre outros: sobre alunos e alunas e a realidade sociocultural em que estes desenvolvem suas experiências não escolares; sobre processos de ensinar e de aprender, em diferentes meios ambiental-ecológicos; sobre propostas curriculares; e sobre organização do trabalho educativo e práticas pedagógicas (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS - PEDAGOGIA, 2005, p. 8-9).

Segundo Santos e Skrsypcsak (2015) é muito importante que “o pedagogo esteja preparado para os desafios diários do mundo globalizado em que vivemos” (p. 2). Ou seja, esse profissional deve estar preparado para as mudanças tecnológicas, para as mudanças referentes ao contexto social dos indivíduos, as mudanças no campo da economia e as próprias mudanças comportamentais que são ocasionadas por diversos aspectos. Para estas autoras, o “pedagogo precisa ser acima de tudo um ser humano íntegro, dinâmico, sociável, com extrema paciência, disposto a dividir seu conhecimento com amor e atenção” (p. 2). Libâneo (2001, p. 11), também coloca sua posição sobre o pedagogo:

O pedagogo é o profissional que atua em várias instâncias da prática educativa, direta ou indiretamente ligadas à organização e aos processos de transmissão e assimilação de saberes e modos de ação, tendo em vista objetivos de formação humana previamente definidos em sua contextualização histórica.

O pedagogo tem um leque de possibilidades após concluir sua graduação, dentre elas, as oportunidades de atuação nos espaços não escolares. Podendo o pedagogo atuar nas empresas, mercados, hospitais, instituições, dentre outras. Estas oportunidades são essenciais, “para o desenvolvimento integral do ser humano”, como citam Santos e Skrsypcsak (2015). Dentro desta perspectiva, abordaremos o espaço não formal da equoterapia e as possibilidades de atuação e inserção do pedagogo neste âmbito.

Segundo Botion e Belo (2013), para a realização das práticas na equoterapia é importante que haja no âmbito uma equipe interdisciplinar, ou seja, com profissionais de diversas áreas. Destaca-se com base nas autoras, que é fundamental que, na equoterapia atuem os seguintes profissionais: pedagogos, psicólogos, fisioterapeutas, instrutores de equitação, fonoaudiólogos, veterinários, terapeutas ocupacionais e professores de educação física.

Botion e Belo (2013) afirmam que, “o profissional da área equoterápica precisa de uma formação em cursos ministrados pela ANDE, pois só assim estará qualificado para a execução do trabalho” (p. 17). Para estas autoras, para formular e planejar as atividades que serão propostas aos praticantes, os profissionais, a equipe, devem considerar o diagnóstico destes indivíduos. É importante que ocorra a interação de toda a equipe para a realização das sessões, bem como ter paciência, por parte destes profissionais, do praticante e também da família. As

autoras afirmam que os profissionais devem focar no praticante e no animal, pois ambos constituem um círculo de constante aprendizado.

Baatsch (2018) revela que, mesmo o pedagogo tendo sempre como referência a sala de aula, precisa compreender que é um profissional importante na equipe multidisciplinar de equoterapia, direcionando, neste sentido, o seu trabalho para “abordagens voltadas à aprendizagem da pessoa com deficiência” (p. 2). Além disso, ela destaca que os 30 minutos da equoterapia (que podem variar entre 30 e 45 minutos) não substituem os trabalhos realizados em sala de aula. Para ela, tanto o pedagogo quanto o psicopedagogo,

auxiliam no processo de desenvolvimento de objetivos aos quais são importantes na aprendizagem da pessoa com deficiência, como: atenção, concentração, memória, coordenação motora, organização, interação, estimulação sensorial, aprendizagem, seriação, classificação, socialização, linguagem, noção temporal e noção espacial entre outros (BAATSCH, 2018, p. 2).

Além disso, segundo Carlos e Domingues (2015, p. 36), “o ato educativo não é restrito ao ambiente escolar. Ele ocorre em diversos cenários, começando na família. Outro lugar muito diferente e capaz de auxiliar no processo de ensino aprendizagem é na equoterapia”. Ao seguir com as pesquisas, percebeu-se que tanto a Pedagogia, quanto a Equoterapia possuem uma barreira em comum, para expandir seus espaços e obter mais reconhecimento. Segundo Ribeiro e Piantino (2017), as políticas públicas não refletem sobre a importância de ambos para a melhoria nas condições de saúde e aprendizagem de alunos com necessidades especiais. Para isso, algo fundamental nesta investigação é pensar em possibilidades de atuação, de inserção do pedagogo e de técnicas neste espaço, que possam auxiliar significativamente no aprendizado destes alunos, os respectivos praticantes.

De acordo com Severo (2010), o programa de atuação do pedagogo surgiu na Alemanha, utilizado, primordialmente, por crianças que apresentavam perturbações de comportamento. Para isso, era levado em conta as dificuldades e necessidades de cada indivíduo, que poderiam estar associadas a questões psicológicas ou educacionais. Com base nos autores Ribeiro e Piantino (2017), é possível dizer que a equoterapia é capaz de favorecer a reintegração social, que possibilita ao praticante/aluno estabelecer relações e ter contato com outros

indivíduos. Esta integração é crucial, pois permite que o indivíduo sinta que é importante, que possui uma identidade, sentindo-se assim, mais próprio da sociedade em que está inserido.

Ainda segundo Ribeiro e Piantino (2017), a relação do cavaleiro com o cavalo contribui muito na constituição da autonomia, na sociabilidade, e permite que o indivíduo eleve sua autoestima. Tudo isso reflete nitidamente nos aspectos motores e cognitivos, o que, de fato, pode proporcionar o desenvolvimento da aprendizagem, bem como várias possibilidades vinculadas ao campo da educação, como para a reestruturação e o desenvolvimento das funções motoras, da atenção e percepção, como cita Ribeiro e Piantino (2017). É neste viés que pensamos no pedagogo e na sua atuação:

O tratamento utilizando o cavalo é feito de forma lúdica, sendo assim oferece ao praticante possibilidades muito maiores do que o tratamento em consultórios. Segundo ela, por meio da equoterapia, as crianças com problemas de aprendizagem apresentam excelentes resultados, pois a prática eleva a autoestima, melhora a concentração e a postura dos pequenos praticantes em relação a atitudes (RIBEIRO; PIANTINO, 2017, p. 3).

Para Ribeiro e Piantino (2017), a equoterapia proporciona aos seus praticantes uma novidade, pois apenas o andar a cavalo já lhes parece algo novo. Por meio disso, os praticantes começam a fazer novas descobertas, sentem-se mais seguros em relação ao animal e isso tudo implica, segundo elas, na questão da afetividade, ajudando a adquirir o controle e a desenvolver a concentração. A equoterapia, segundo Walter (2013, p. 8), “é recomendada na reabilitação nos âmbitos físico, mental, vocacional, de dependência química e em trabalhos pedagógicos”. Além disso, esta autora afirma que “a equoterapia está relacionada a tudo que promove uma melhora na qualidade de vida” (p. 8).

Também de acordo com Ribeiro e Piantino (2017), podemos ressaltar que, para integrar a equipe interdisciplinar na área da educação, o pedagogo deve fazer um curso de equoterapia fornecido ou credenciado pela ANDE-Brasil. Além disso, compreende-se que o pedagogo deve focar na melhor forma de desenvolvimento pedagógico, atendendo as necessidades do praticante. Os profissionais, portanto, se qualificam com base em sua especialidade, como cita Ribeiro e Piantino (2017).

Ainda com base nestes autores, compreende-se que, no caso do pedagogo, este deve desenvolver técnicas específicas para cada tipo de necessidade do aluno. Deve também, compreender a importância da equoterapia no desenvolvimento cognitivo do aluno, além disso, deve conhecer os benefícios da equoterapia associados à interação social do praticante/aluno. Por fim, é necessário que o profissional esteja sempre em constante formação.

Os autores Ribeiro e Piantino (2017), também destacam que a Secretaria de Estado de Educação (Distrito Federal) não auxilia muito nesta prática, que faltam profissionais que queiram atuar neste âmbito e que ainda não existem muitos centros de equoterapia no país, sendo que não há muito investimento por parte dos órgãos responsáveis. Os autores afirmam que, mesmo esta prática sendo reconhecida como atividade pedagógica pelo Conselho Federal de Fisioterapia e pela Secretaria de Educação de Estado (Distrito Federal), devido aos seus custos, ela ainda não é ofertada pelo SUS.

Com base no apresentado anteriormente, podemos destacar a importância do pedagogo para o planejamento de atividades de equoterapia, utilizando, por exemplo, os seus conhecimentos nas áreas lúdicas, do desenvolvimento e da aprendizagem. Além disso, a equoterapia permite a integração do praticante com os diversos profissionais, entre eles, com o pedagogo, além do cavalo e da natureza, gerando um cenário de múltiplas possibilidades pedagógicas, como apontam Ribeiro e Piantino (2017).

O pedagogo, neste cenário, pode intensificar esta prática acompanhando a terapia, auxiliando a equipe na construção de planos de ação e de propostas de intervenção, analisando as necessidades e especificidades de cada praticante e então, aperfeiçoando esta prática por meio de ações pedagógicas, lúdicas e criativas, que contemple a criança e o jovem como um todo. Segundo Brito (2006), a prática equoterapêutica deve promover momentos de ludicidade, possibilitando que os indivíduos aprendam de forma prazerosa e porque não dizer, mais significativa. Além de tudo que já foi citado, a criança pode vivenciar experiências riquíssimas, ao ar livre, em contato com a natureza, compreendendo a importância de amar e respeitar todos os seres a sua volta.

4.1. CONTRIBUIÇÕES DA EQUOTERAPIA PARA O DESENVOLVIMENTO E A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Segundo os autores Gonçalves Júnior et al (2017, p. 55),

as atividades pedagógicas realizadas nas sessões de Equoterapia buscam alcançar maior proximidade com o praticante e dar mais ludicidade ao processo de aprendizagem, adquirindo maior atenção, concentração e desejo de aprender.

De acordo com estes mesmos autores, pode-se utilizar o lúdico como uma estratégia, pois possibilita que o praticante seja estimulado e tenha interesse em desenvolver as atividades que lhes são propostas. Podem-se utilizar diversos instrumentos e materiais para se realizarem as atividades lúdicas. Os autores destacam os seguintes instrumentos/materiais: espelhos, latões, fantoches, manta sensorial, livros, bonecos, aramados, laços, fitas, instrumentos musicais, árvore matemática, bolinhas de sabão, jogos de memória, dentre tantos outros.

Segundo Brito (2006), a equoterapia é aplicada há mais de 30 anos nos países europeus, contribuindo no que denominamos de desenvolvimento global da criança, além de auxiliar na desenvoltura das funções manuais. Tudo isso pode, em alguns momentos, parecer algo distinto do contexto formal de educação, mas como poderemos ensinar ou mobilizar uma criança/jovem a construir aprendizagem se ela não fala, não interage ou não consegue estabelecer um vínculo com os familiares e docentes que a rodeiam? Essa, sem dúvida, é uma pergunta que já nos remete à equoterapia e sua ligação com a Pedagogia, exigindo compreender não só aspectos da equoterapia, mas também da educação especial.

Ao realizar visitas no espaço de equoterapia e socializar com as colegas do curso de Pedagogia da UCS, percebi o quanto falta estudar sobre esse tema e investir neste campo de atuação. A ideia de constituir uma equipe multidisciplinar é sonho de diversos Centros de Equoterapia do nosso país, mas constitui-se em um desafio por falta de investimentos nesta área e com relação às políticas no campo da educação especial e da educação inclusiva. Sabe-se que existem políticas voltadas à inclusão, mas na prática, como cita Brito (2006), em diversas situações ocorre a “exclusão”, ao invés da inclusão, o que há no papel, nos documentos, não reflete na prática, ou seja, as metodologias, muitas vezes, seguem intactas, sem contemplar a necessidade de todos.

De acordo com Brito (2006), muitos pontos devem ser levados em consideração, como por exemplo, deve-se respeitar o limite e o tempo de cada aluno, a pedagogia deve ser centrada na criança e em suas especificidades. A Declaração de Salamanca (1994), citada pela mesma autora, é crucial para pensarmos na inclusão, pois tal documento é um alicerce da inclusão, o que fez iniciar os debates em torno desta questão. Portanto, a escola e os demais campos educativos devem pensar em práticas pedagógicas que contemplem a necessidade de todos. Brito (2006, p. 9) afirma:

Neste contexto, as crianças de hoje serão adultos amanhã com um novo significado do viver na diversidade, sob a influência do ambiente social e cultural, que contribui para a formação de traços psicológicos das crianças integradas na educação inclusiva para sua formação profissional.

Ainda de acordo com Brito (2006, p. 9):

As comprovações da eficácia da equoterapia na práxis pedagógica, justificam-se que tê-la como coadjuvante no programa curricular, vai beneficiar substancialmente a criança especial, na condição de mediadora e facilitadora no acompanhamento pedagógico. Ao sentar-se no centro de gravidade do cavalo, a criança especial recebe uma gama de estímulos sensoriais e proprioceptivos possibilitando aquisições psicomotoras. O cavalo andando a passo proporciona uma mobilidade pélvica na criança, realizando ajustes tônicos que favorecem diretamente para o desempenho de forma global o que contribui para suas funções bimanuais e o aprendizado pedagógico.

Enfim, este capítulo possibilitou a reflexão em torno da atuação do pedagogo e de suas possibilidades de ação dentro do âmbito da equoterapia. Compreende-se que o pedagogo deve levar em consideração os processos que permeiam o desenvolvimento físico, cognitivo, bem como os processos relacionados à construção da aprendizagem em diferentes âmbitos como social, afetivo e cognitivo. O pedagogo deve se especializar na área, ou seja, compreender sobre o cavalo, principal suporte pedagógico, e também sobre a educação especial e inclusiva, e as especificidades e características dos praticantes da equoterapia. O pedagogo deve ser um mediador, para facilitar a aprendizagem, considerando também as inúmeras possibilidades lúdicas e inserindo neste espaço alguns jogos, histórias, livros ou fantoches, por exemplo.

A seguir, destacam-se duas imagens: a primeira, de uma menina com Síndrome de Down demonstrando o carinho que sente pelo companheiro que

conquistou na equoterapia; a segunda imagem retrata uma das atividades lúdicas/pedagógicas, que pode ser utilizada e realizada durante as sessões de equoterapia.

Figura 11 - A Síndrome de Down e a equoterapia



Fonte: Blog Terapia psicopedagógica pelo na roupa. Redescobrimo o mundo sobre um novo olhar! (2019)

Figura 12 - Atividade lúdica/pedagógica em uma sessão de equoterapia



Fonte: UNIFEOB (2019).

5. MÉTODO

Esta investigação organiza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória, pois busca possibilitar uma visão mais geral do assunto, sem pretender generalizações. Para Minayo (1996), as pesquisas que buscam atuar na

complexidade das ciências humanas e sociais, e caminham para o universo de significações, motivos, atitudes, crenças e valores, são consideradas qualitativas.

Segundo Rauen (2002), a pesquisa qualitativa apresenta algumas características como: a base é construída na óptica da realidade; é estabelecida por participantes em interação com seu mundo social; pretende compreender situações únicas; geralmente envolve pesquisa de campo; o pesquisador coleta os dados e descreve os processos, sentidos e conhecimentos.

5.1. CENÁRIO DA PESQUISA

A pesquisa realizou-se em um âmbito de equoterapia, situado na Cidade de São Marcos. Esse espaço funciona com o auxílio de uma verba mensal advinda da prefeitura, e conta com o apoio da APAE de São Marcos. Os praticantes que realizam tais atividades são, em sua maioria, alunos da APAE, e alguns estudam em escolas regulares, mas recebem este atendimento. Para isso, realizam avaliações médicas por meio da APAE, para então poderem ser encaminhados para a equoterapia, que funciona em uma propriedade particular, de familiares da própria fisioterapeuta/equoterapeuta. É um espaço amplo e que contempla um galpão, com cones de sinalização, rampas para os cadeirantes e demais praticantes que dela necessitam, além de contemplar os capacetes, uma cadeira de rodas própria e os equipamentos que são utilizados no local. Para a realização das atividades são utilizados dois cavalos, um preto e um lubuno, ambos já de idade, muito tranquilos e dóceis. Atualmente, a fisioterapeuta conta com a ajuda de um jovem de dezessete anos, que atua como guia e auxiliar, e pretende contratar mais uma profissional, porém tudo depende da concordância da APAE e de reajustes salariais por parte da prefeitura.

Ao término deste trabalho encontram-se os planos de ação (Apêndice B), produzidos pela pedagoga-pesquisadora, para sua atuação como estagiária na equoterapia, além de sínteses referentes a cada encontro. Também irá conter dois planos de ação, elaborados pela pesquisadora, e que foram utilizados por duas acadêmicas para a elaboração de um curso de extensão sobre a Educação Inclusiva e sobre os conceitos que norteiam a Educação Infantil, além de evidenciar a importância da ludicidade para o contexto da aprendizagem. Tais planos nos

possibilitam diversas reflexões e também são sugestões que podem ser implantadas neste âmbito, que ainda é pouco estudado e explorado.

5.2. PARTICIPANTES

Os participantes desta pesquisa foram 2 profissionais, 2 participantes adultos e 3 mães dos participantes. Todos foram acompanhados durante o período do estágio e convidados a responder um questionário falando de suas percepções sobre a equoterapia.

Os quadros a seguir apresentam as características dos profissionais, participantes e familiares respondentes do questionário:

Quadro 1 - Caracterização dos profissionais que responderam ao questionário

| PROFISSIONAL | FORMAÇÃO | SEXO | IDADE |
|---------------------|-----------------|-------------|--------------|
| PR1 | Fisioterapeuta | F | 40 |
| PR2 | Pedagogia | F | 42 |

Fonte: Autora (2019).

Quadro 2 - Caracterização das crianças cujas mães responderam ao questionário

| PARTICIPANTES MÃES | DIAGNÓSTICO DO FILHO | IDADE FILHO | SEXO FILHO | TEMPO NA EQUOTERAPIA |
|---------------------------|---|--------------------|-------------------|-----------------------------|
| P1 | Transtorno do Espectro Autista | 6 anos | M | Maio/2019. |
| P2 | Lesão Medular (Paresia de Membros Inferiores) | 12 anos | F | Fevereiro/2010. |
| P3 | Paralisia Cerebral Quadriplágica Espástica | 5 anos | M | Agosto/2018. |

Fonte: Autora (2019).

Quadro 3 - Caracterização dos participantes adultos que responderam ao questionário

| PARTICIPANTES ADULTOS | DIAGNÓSTICO | IDADE | SEXO | TEMPO NA EQUOTERAPIA |
|------------------------------|--|--------------|-------------|-----------------------------|
| P4 | Outras formas de Paralisia Cerebral | 21 anos | F | Outubro/2008. |
| P5 | Tetraplegia Espástica, Ataxia Cerebelar de Início Precoce e Paralisia Cerebral Atáxica | 60 anos | M | Setembro/2014. |

Fonte: Autora (2019).

5.3. QUESTIONÁRIOS

Foram construídos dois questionários (Apêndice A), um deles para os profissionais e outro para as mães e participantes adultos. Os questionários foram entregues nos encontros de estágio na equoterapia, respondidos e entregues posteriormente.

6. A ATUAÇÃO DO PEDAGOGO NA EQUOTERAPIA: MAPEANDO POSSIBILIDADES DE AÇÃO

Ao realizar pesquisas em torno da atuação do pedagogo e do âmbito da equoterapia, foi possível constituir e refletir sobre possíveis possibilidades de intervenção e de atuação do pedagogo. Como já citado anteriormente, compreende-se que é necessário que todos os profissionais da equoterapia saibam trabalhar com os cavalos e que tenham conhecimento na área da equitação e que, além disso, a utilização de atividades lúdicas que podem ser propostas pelo pedagogo, potencializa o desenvolvimento dos aspectos físicos e cognitivos dos praticantes.

A seguir, será feita a análise articulando o referencial teórico e as falas dos participantes da pesquisa (profissionais, mães e participantes) das atividades de equoterapia, com o foco de responder ao último objetivo específico, ou seja, mapear possibilidades de ação do pedagogo nesse âmbito de educação não formal.

De acordo com a fisioterapeuta, diversos são os avanços demonstrados pelos praticantes da equoterapia, e dentre eles, ela destaca os avanços “*motores, psicológicos e emocionais*”, ressaltando que cada caso é um caso. Além disso, ela destaca que é importante que os indivíduos passem por uma avaliação médica antes de iniciar as sessões na equoterapia, pois apenas o médico irá dizer se o indivíduo está ou não, apto a realizar estas atividades sobre o cavalo. Para ela, as crianças que apresentam déficit motor respondem muito bem à terapia.

Essa observação da fisioterapeuta tem respaldo na literatura, pois, segundo Lermontov (2004, p. 82), “o movimento tridimensional provoca um ajuste contínuo entre a musculatura agonista e antagonista”. Diante deste viés, compreende-se que tais movimentos favorecem “o trabalho da inervação recíproca, sendo este um fator imprescindível na estruturação/organização de uma boa coordenação motora” (p. 82). De acordo com esta autora, os praticantes realizam movimentos variados, que são “movimentos combinados entre membros superiores, tronco e membros inferiores” (p. 82), e além disso, destaca que podem-se realizar exercícios específicos para auxiliar na coordenação.

Para Lermontov (2004), o movimento tridimensional do cavalo pode ajudar a produzir efeitos em todo o corpo humano. A equoterapia é “uma poderosa e compreensiva modalidade para remediar deficiências de cognição” (p. 93). Ela cita, por exemplo, o simples fato de segurar um lápis, pois este movimento requer uma grande dose de coordenação motora e ampla. Lermontov (2004, p. 94) destaca que, “a coordenação entre os olhos e mãos, que é necessária para desenvolver a capacidade e habilidade de escrever e desenhar”, pode ser estimulada durante as sessões, por meio de exercícios e brincadeiras. A autora destaca outros diversos benefícios, como na desenvoltura da fala e da linguagem, além de benefícios sociais e psicológicos.

De acordo com Lermontov (2004, p. 96), “na esfera social, a equoterapia é capaz de diminuir a agressividade, tornar o praticante mais sociável, facilitando a construção de amizades”, e também, “o praticante aprende a diferenciar significados importantes ou não quando é estimulado corretamente, promovendo melhor autopercepção” (p. 96). É por meio disso que o indivíduo aprende a ajudar e ser ajudado, pode compreender melhor as necessidades dele próprio e do grupo, além

de compreender a aceitar suas limitações e as limitações do outro. Em relação aos benefícios psicológicos, Lermontov (2004) revela que o praticante se sente confiante ao ter controle sobre um animal forte e de grande porte, desenvolvendo a autoconfiança. Esse desenvolvimento, assim como os demais, ocorre aos poucos, de forma gradual. Para a autora, realizar tarefas que aumente o desafio proposto ao praticante é muito importante, pois assim, eles “se sentem pessoas normais”, conseguindo então, encarar suas dificuldades e vencer seus medos. Por fim, a autora destaca o quanto a equoterapia promove o bem-estar dos praticantes, o que “é um fator importante na recuperação” (p. 98).

Para a fisioterapeuta, o trabalho realizado na equoterapia reflete no contexto educativo, pois “*em alguns casos é trabalhado atividades de vida diária com o cavalo, como higiene e alimentação...*”. Outro ponto ressaltado por ela é a questão da socialização, que é algo desenvolvido na terapia com o cavalo e que, “*consequentemente gera um desenvolvimento geral (neuropsicomotor)*”, e isso “*facilita todos os processos educativos do indivíduo*”. A fisioterapeuta acredita que seria importante que o trabalho fosse realizado por uma equipe multidisciplinar e considera importante ter um pedagogo nesta equipe, para “*contribuir na parte lúdica do processo*”. Além disso, revela que o fato da Pedagogia ser “*uma ciência que trata a educação e o desenvolvimento dos jovens como um todo*”, a inserção e o trabalho deste profissional poderia agregar no trabalho da equoterapia.

Segundo Alves (2009, p. 61), “as atividades lúdicas são uma forma muito prazerosa de trabalho, tanto para o terapeuta quanto para o praticante, que não precisa ser somente criança para aproveitar os benefícios de cada atividade”. De acordo com essa autora, as atividades lúdicas são de extrema importância e devem ter objetivos específicos para que sejam realizadas com eficácia. A autora sugere diversas atividades que podem contribuir com a ludicidade, dentre elas, a montaria simples a partir do solo e o apejar do cavalo para os praticantes que não necessitam de rampa ou cadeira de rodas, além de sugerir atividades que utilizem bolas. A brincadeira com bolas, “se bem direcionada e com as manualidades adequadas” (p. 62), proporcionam inúmeros benefícios.

A fisioterapeuta destaca que o espaço ideal para a equoterapia deve ser amplo e também deve conter um espaço coberto, para os casos de dias com chuva.

Para ela, todos os praticantes que realizam tais práticas obtêm resultados positivos e, além disso, ela destaca que seria importante ter mais espaços de equoterapia nas cidades gaúchas. Também descreve o que as crianças sentem ao terminar as sessões, ou quando param de realizar a equoterapia, porque “*além de todo benefício físico e cognitivo, cria-se um vínculo com o animal*”. Para se realizar a equoterapia, segundo a fisioterapeuta, não existe tempo pré-determinado. A duração das atividades depende de cada caso, porém, o tempo por sessão varia de 30 a 45 minutos.

Para a fisioterapeuta, a equoterapia pode ajudar as crianças com autismo, auxiliando “*na socialização, no comportamento, no desenvolvimento cinesiológico, na linguagem*”. Para ela, “*as crianças com qualquer tipo de deficiência, usam o cavalo como facilitador de atividades*”, e menciona que o valor médio das sessões particulares varia, mas fica em torno de R\$ 120,00, e que as crianças que realizam essas atividades pela APAE têm a oportunidade de realizar estas práticas por um valor bem mais acessível. Segundo Medeiros e Dias (2003, p. 59),

a equoterapia vem como um tratamento de suporte, porém fundamental, conseguindo abranger um amplo espectro da deficiência, visando a universalidade do ser humano nos aspectos emocionais, cognitivos e comportamentais.

Medeiros e Dias (2003, p. 59) ainda afirmam:

O movimento é uma das formas mais significativas de adaptação ao mundo do exterior, dado que a assimilação contínua do mundo no indivíduo se processa por meio do movimento humanizado, e, portanto, socializado. Através do movimento, o homem projeta a sua subjetividade obscura no seu mundo próprio e significativo.

Com base no questionário respondido pela pedagoga da APAE, compreende-se que os avanços demonstrados pelos praticantes, estão relacionados às “*áreas motoras, psicomotoras, comportamentais...*”. A pedagoga revela que é essencial que o aluno passe por avaliações médicas antes de ser encaminhado para equoterapia. Em relação à adaptação, ela afirma que cada criança se adapta de uma forma e que é preciso respeitar o tempo e a singularidade de cada um. Segundo ela, o trabalho realizado na equoterapia reflete no contexto educativo, pois envolve o desenvolvimento da “*concentração, atenção, lateralidade, motricidade ampla*”, o que engloba a aprendizagem. Para ela, é importante o envolvimento de

diversos profissionais neste âmbito, pois uma equipe multidisciplinar, que trabalha em conjunto é capaz de gerar resultados melhores.

Segundo Lermontov (2004), a equoterapia auxilia na coordenação motora, o que ela revela ser “o controle mental sobre a expressão motriz” (p. 28). Sendo também, “o domínio da mente sobre o movimento/ação” (p. 28). Destaca que, a equoterapia auxilia na coordenação dinâmica global, envolvendo os movimentos amplos do corpo, como cabeça, ombros, braços, pernas, pés, tornozelos, quadris, o que, de acordo com a autora, gera uma ação simultânea entre grupos musculares diferentes, ocasionando também, movimentos voluntários que podem ser mais ou menos complexos. Além disso, envolve-se a coordenação visomotora, a lateralidade e a dominância lateral, a estruturação espacial, orientação temporal, o ritmo, a percepção, cognição, atenção e a concentração.

Lermontov (2004) destaca os benefícios relacionados à coordenação visomotora, “que engloba movimentos dos pequenos músculos em harmonia, na execução de atividade, utilizando dedos, mãos e pulsos” (p. 29), o que se denomina de atividades de destreza e precisão, no caso, coordenar a visão com os movimentos. Para a autora, esses movimentos são essenciais para auxiliar a criança no período em que ela começa a aprender a ler e escrever. Em relação à lateralidade e dominância lateral, a autora destaca que “a lateralização é a manifestação de um predomínio motor relacionado com as metades do corpo” (p. 31). Portanto, a lateralidade está relacionada com a percepção que nós temos de cada lado do nosso corpo (direito/esquerdo).

Para Lermontov (2004, p. 32), a estruturação é um “espaço-temporal como a capacidade de situar-se e orientar-se a si próprio, localizar outras pessoas e objetos num determinado espaço e tempo”. Segundo ela, a estruturação espaço-temporal engloba a noção da direção, como acima, abaixo, frente, trás, direita, esquerda, além da noção de distância (longe, perto) e de tempo. Lermontov (2004) demonstra o quanto a equoterapia auxilia o praticante no desenvolvimento de ritmo, percepção, cognição, atenção e concentração e ressalta que “a concentração e a atenção também podem ser buscadas com exercícios lúdicos” (p. 36).

A pedagoga da APAE ressalta que a equoterapia “*colabora muito no tratamento das pessoas*”, portanto, deveriam existir mais âmbitos como este nas

idades gaúchas. Além disso, ela destaca que praticamente todos os praticantes evidenciam bons resultados, e acredita que a criança possa sofrer muito se deixar de praticar totalmente tais atividades. Para ela, o tempo de tratamento pode variar de acordo com as prescrições médicas, com a adaptação dos participantes e com os objetivos pré-estabelecidos para cada um. Segundo essa profissional, a equoterapia auxilia muito os autistas, principalmente na área comportamental, podendo também auxiliar “*na aprendizagem em todas as áreas*”. Ela também destaca que seria importante a presença de um pedagogo na equoterapia, pois este profissional “*poderia colaborar*” neste âmbito.

A seguir realizaremos a análise de alguns fragmentos presentes nos questionários que foram entregues às mães dos praticantes da equoterapia: o primeiro questionário é referente à mãe de um menino de seis anos de idade que possui diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista. Para esta mãe, o filho teve avanços positivos com a equoterapia, tornando-se mais ativo, esperto e “*perdeu o medo em algumas coisas*”. Esta mãe elogia muito o trabalho desenvolvido pela fisioterapeuta, e também acredita que a presença de um (a) pedagogo (a) poderia auxiliar as crianças, podendo “*atender as crianças com necessidades*”, além de esclarecer “*suas dúvidas*”. Essa mãe destaca que, vários avanços são demonstrados e que refletem no contexto educativo. No caso de seu filho autista, revela que ele se tornou um menino mais ativo por meio da equoterapia. Para ela, a equoterapia torna-se uma atividade semanal, pertencente à rotina, e se a criança não frequenta, sente-se muito perdida.

O segundo questionário é referente a uma menina de doze anos de idade, que possui Lesão Medular (Paresia de Membros Inferiores). Essa mãe destaca que sua filha possui bastante dificuldade em se locomover, “*subir escadas, ir no banheiro sozinha*”, além de dificuldades em “*se vestir e segurar a urina*”. Com a equoterapia, a praticante conseguiu desenvolver uma “*abertura e o espaçamento dos quadris*”. A mãe revela que algo muito bom fornecido pela APAE é o transporte, que leva as crianças até o âmbito da equoterapia, além do bom atendimento da fisioterapeuta. Para esta mãe, não seria necessário a presença de outro profissional na equoterapia. Ela, assim como a primeira mãe, também revela que a criança sofre ao

término das atividades, principalmente *“pelo apego com os profissionais”*, mas também, *“pela ajuda que a equoterapia oferece”*.

O terceiro questionário refere-se a um menino de cinco anos, que possui Paralisia Cerebral Quadriplágica Espástica. Esse menino apresenta muitas dificuldades para se equilibrar, não consegue caminhar sem apoio e *“tem os nervos dos membros inferiores mais rígidos”*. Com a equoterapia, passou a desenvolver mais equilíbrio, *“mais abertura nas pernas, mais força nos membros inferiores”*. A mãe destaca que o espaço onde são realizadas as sessões é um espaço particular, mas que o encaminhamento para a equoterapia é feito pela APAE. Ela acredita que seria importante a inserção de um (a) pedagogo (a) na equipe de equoterapia, pois *“seriam mais profissionais ajudando o meu filho a ter um tratamento com grandes resultados”*, além de poder gerar um tratamento *“cada vez melhor”*. A mãe deste menino revela que ele adora os cavalos e que fica muito feliz durante e após as sessões.

O quarto e o quinto questionários foram respondidos por dois praticantes de maior idade: o quarto questionário refere-se a uma jovem de 21 anos, que possui o que designam de outras formas de Paralisia Cerebral. De acordo com a jovem, ela possui dificuldades de locomoção e também dificuldades motoras. Ao realizar a equoterapia, a praticante desenvolveu mais *“equilíbrio e força muscular”*. A praticante destaca que, na equoterapia, em São Marcos, são realizadas *“fisioterapias feitas em cima do cavalo”* e que as atividades desenvolvidas funcionam por meio da APAE. Na opinião dela, seria muito importante a presença de um pedagogo neste âmbito, pois *“poderia estimular de outras formas fazendo com que o paciente mostre o máximo de seu potencial”*. Ela acredita que o trabalho desenvolvido na equoterapia reflete no âmbito escolar, pois auxilia na *“melhora da concentração”*. Destaca, que se constitui um vínculo afetivo muito forte com o animal e também, com os profissionais, e que seria dolorido se tivesse que deixar de realizar tais práticas.

O quinto questionário refere-se a um senhor de 60 anos, que possui Tetraplegia Espástica, Ataxia Cerebelar de Início Precoce e Paralisia Cerebral Atáxica. O diagnóstico deste praticante é mais complexo, se analisado pela APAE, porém, de acordo com ele, o que mais lhe prejudica é a distrofia muscular

progressiva. Relata que a equoterapia lhe auxiliou bastante, “*melhorou o equilíbrio e o controle do tronco*”, que seria bom ter dois profissionais atuando na equoterapia e mais um guia, apenas para puxar o cavalo. Ele acredita que os benefícios refletem no âmbito escolar, no caso, na APAE, e finaliza descrevendo que ao término das atividades os indivíduos sofrem, justamente por constituir um vínculo muito forte com o cavalo e com os profissionais. Os praticantes que apresentam melhores resultados recebem alta após algum tempo, justamente para ceder a sua vaga a interessados mais jovens ou que necessitam mais do atendimento.

Para finalizar esta análise, iremos refletir acerca da obra *Fisioterapia na equoterapia - análise de seus efeitos sobre o portador de necessidades especiais* (2005), da autora Sabrina Lombardi Martinez dos Santos. De acordo com Santos (2005), o indivíduo realiza movimentos de forma tridimensional, “semelhante aos movimentos da marcha humana, mexendo o corpo como um todo, aumentando sua funcionalidade” (p. 110). Essa mesma autora destaca que, uma sessão bem estruturada eleva significativamente “a necessidade energética do organismo, provocando adaptações metabólicas, endócrinas e neuromusculares” (p. 110). A seguir, citaremos alguns tecidos que são, segundo a autora, acometidos pelo imobilismo e os sistemas corpóreos que sofrem por esse imobilismo.

Santos (2005) destaca que, em relação ao tecido conjuntivo, “com a mobilização produzida sobre o dorso do cavalo em movimento, ocorre um aumento da elasticidade como um todo, facilitando o movimento corporal” (p. 111). De acordo com a autora, com “os balanceios articulares produzidos pelos movimentos do cavalo, equilibra-se a produção de líquido sinovial” (p. 111), e esse líquido lubrifica e nutre a cartilagem. Esses movimentos ajudam/estimulam “os sensores elétricos e mecânicos da articulação, dando maior percepção corporal” (p. 111). Em relação ao tecido ósseo, a equoterapia auxilia nos movimentos co-contrativos, o que faz com que “a força de tensão aplicada ao osso por tração tendinosa melhore o metabolismo ósseo, evitando as osteopenias” (SANTOS, 2005, p. 111).

Santos (2005, p. 112-113) destaca que, o tecido muscular é muito beneficiado, pois

o movimento tridimensional oferecido pelo cavalo produz um sincronismo entre os músculos agonistas e antagonistas, melhorando a força e a qualidade de contração muscular para os movimentos, além de evitar

aderências, inflamações, espasmos e atrofia, gerando maior aporte de oxigênio e nutrientes.

De acordo com Santos (2005), a atividade física e a própria exposição ao sol “aumentam a renovação e a resistência da pele, diminuindo o risco de lesões compressivas” (p. 113). A autora destaca os benefícios associados ao tecido sensorial, pois “a equoterapia favorece a redução do estado de ansiedade, a diminuição no nível de depressão, a redução do neuroticismo”, além do “aprimoramento do humor, a autoestima, a autoimagem, a percepção geral de valor pessoal e a redução de vários índices de estresse” (p. 113).

Santos (2005) revela que os movimentos do cavalo auxiliam no sistema respiratório, pois, com “a absorção dos movimentos do cavalo, ocorre uma mobilização das vísceras, que por sua vez facilitam a respiração diafragmática e aumentam a capacidade pulmonar (p. 113-114).

O sistema gastrointestinal também é beneficiado, pois, de acordo com a autora, “o deslocamento tridimensional recepcionado pela pelve, estimula-se de forma rítmica o funcionamento do intestino delgado e grosso” (SANTOS, 2005, p. 114). A autora destaca efeitos proporcionados ao sistema urinário, endócrino, nervoso e a coluna vertebral, no caso do sistema urinário, que “com o deslocamento pélvico antero-posterior, causado pelo movimento do cavalo, produzem-se alterações do ângulo da bexiga”, o que melhora “o sincronismo da contração do detrusor em relação aos esfíncteres” (p. 115).

Segundo Santos (2005), a equoterapia auxilia o sistema endócrino, pois o movimento realizado sobre o cavalo gera uma melhora da função hormonal. O sistema nervoso se beneficia também, pois “os movimentos harmônicos produzidos pelo cavalo influenciam a reorganização neurológica, melhorando a compreensão dos estímulos e a resposta aos mesmos” (p. 115). A coluna vertebral é auxiliada de forma semelhante, já que com ela, o movimento tridimensional ocasiona oscilações descompressivas, o que aumenta o espaço entre as vértebras, “a circulação do liquor e a lubrificação das raízes nervosas. A coluna ganha flexibilidade e sustentação ao mesmo tempo” (p. 115-116).

De acordo com as análises, compreende-se que os benefícios vão muito além do que se pode imaginar, que a área é vasta e deve ser amplamente abordada. São visíveis tais benefícios, perante a atuação e observação dos

profissionais, das famílias e dos praticantes e, segundo a bibliografia, a ludicidade é essencial na busca por melhores resultados, bem como o engajamento da equipe, que deve ser multidisciplinar e muito qualificada. O pedagogo, neste sentido, deve agregar conhecimento e experiências ao âmbito não formal, além de analisar as dificuldades das crianças e auxiliar em relação à aprendizagem e às suas dificuldades de interagir socialmente. Finalizo com uma poesia presente na obra Fisioterapia na equoterapia, trazida pela autora Sabrina Santos (2006, p. 6), mas escrita por um autor desconhecido.

Eu vi uma criança

Eu vi uma criança, que não podia andar,
Sentar num cavalo, rir e falar.

E montar por um campo de flores
depois de ter vivido suas dores.

Eu vi uma criança, sem pernas,
montar num cavalo e andar
pela floresta verde
e ir a lugares nunca visitados sem sua cadeira,
que só servirá para sentar e olhar.

Eu vi uma criança, que só podia rastejar,
sentar num cavalo e montar.

Ela andou a cavalo em todos os passos,
e riu da surpresa de nossos rostos e traços.

Eu vi uma criança, nascida para a luta,
pegar e segurar as rédeas da vida,
e esta mesma criança foi ouvida dizendo:
“Graças, meu Deus, por me mostrar a saída”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É com sensação de dever cumprido, de gratidão e de muita emoção que inicio o relato das conclusões desta pesquisa. Inicialmente, cabe destacar que o campo da equoterapia e da pedagogia são muito vastos. Deste modo, o pedagogo, ao adentrar neste campo de atuação, terá inúmeras possibilidades de ações para intervir e qualificar as atividades realizadas na equoterapia. Percebe-se que, o que dificulta essa inserção é o fato de que muitos profissionais da educação não sabem que podem atuar na equoterapia, pois os âmbitos não formais ainda não são muito estudados e os campos explorados geralmente são os relacionados aos hospitais, lar de idosos, as ONGs e as empresas, fazendo com que o pedagogo se limite a esses espaços. Mesmo assim, são poucos os que mergulham nos âmbitos não formais, pois a maioria persiste nos espaços escolares, nas salas de aula, por vezes, não pesquisando sobre os demais âmbitos que permeiam a educação.

Outro ponto importante é relacionado à equoterapia, pois percebe-se que esse método terapêutico/educacional se baseia na prática de atividades equestres, ou seja, utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar, com o intuito de ajudar as pessoas que possuem deficiências, patologias, dificuldades ou que sofreram algum acidente que lhes limitou algum movimento. Essas situações são complexas e singulares, sendo que todo o tipo de atividade, tratamento e contribuição que pode contribuir com a pessoa que necessita de atendimento e com sua família, deve ser estudada e potencializada.

Diante da pesquisa, percebeu-se o quanto a equoterapia é benéfica e auxilia no desenvolvimento dos praticantes de forma global, permitindo que desenvolvam a autonomia, que tenham bem-estar, ajudando-os a recuperar alguns movimentos por meio dos estímulos que são gerados com o apoio do cavalo. Compreende-se que, os avanços são observados também no âmbito educacional, pois as práticas permitem que o praticante/aluno desenvolva a concentração, memorização, percepção, além da reestruturação das fases motoras, permitindo também, que o indivíduo tenha autoconfiança e que, aos poucos, possa se reintegrar à sociedade.

Mesmo assim, diante de tantos avanços, e apesar da equoterapia ser designada como uma prática milenar, observa-se que há pouco estudo na área, o que é triste, pelo fato da terapia ajudar tanto as pessoas. Por meio desta mesma observação, compreende-se o porquê de existir poucos centros de equoterapia e profissionais na área, pois falta pesquisa, um pouco de diálogo e procura por mais e mais qualificação. A equoterapia, o profissional da pedagogia e a educação inclusiva podem e devem ser aliadas na busca por melhoria na qualidade de vida das pessoas que possuem dificuldades/deficiências. O próprio governo deveria dar assistência, permitindo que a terapia se amplie e que o Sistema Único de Saúde (SUS) lhes forneça como uma terapia convencional, pois são avanços que também foram testados cientificamente.

Este último ponto reflete claramente na pesquisa realizada, pois observou-se que ocorre um distanciamento entre profissionais da equoterapia e da APAE. Por meio de diálogos, trocas de informação com as mães, os alunos, a fisioterapeuta e uma professora da APAE, percebeu-se que os próprios profissionais da instituição não conhecem os benefícios da equoterapia e, por este motivo, também não valorizam o espaço e as atividades que lá ocorrem. Segundo a fisioterapeuta, o que faz com que a equoterapia permaneça é o amor das crianças pelos animais e a satisfação das mães, ao verem o desenvolvimento de seus filhos. Todos os 14 praticantes demonstraram avanços ao longo das sessões, e todos amam a equoterapia, inclusive alguns não se relacionam com outros animais, ou, no caso dos autistas, não se relacionam com algumas pessoas também, e na equoterapia eles criam vínculos com os cavalos e interagem livremente/amorosamente com eles.

Pode-se destacar que a pesquisa foi imensamente válida, permitindo compreender os avanços das práticas equestres, pensar possibilidades de intervenção e de atuação do pedagogo, o que, aparentemente, é algo novo e inovador, além de mergulhar no mundo da educação inclusiva e aprender com os praticantes, que são desafiadores e incríveis ao mesmo tempo. Além disso, pode-se compreender o porquê de a equoterapia ainda ser pouco estudada, pois falta interesse por parte de muitos profissionais e também, faltam conhecimentos sobre a área e seus benefícios, por parte deles. O que nos leva a concluir que deve existir

um engajamento dos “amantes da equoterapia”, para atrair mais pessoas e ampliar esses enriquecedores âmbitos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA SENADO. **Sancionada a regulamentação da equoterapia.** Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/05/14/sancionada-a-regulamentacao-da-equoterapia>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

ALVES, Eveli Maluf Rodrigues. **Prática em equoterapia: uma abordagem fisioterápica.** São Paulo: Atheneu, 2009.

ASSOCIAÇÃO EQUOTERAPIA. **A história da equoterapia.** Disponível em: <<http://associacaoequoterapia.com.br/historia-da-equoterapia/>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. **Apostila VI Curso Básico de Equoterapia.** Florianópolis, 2015.

_____. **Indicações e contraindicações em equoterapia.** 2017. Disponível em: <<http://equoterapia.org.br/media/pdfs/indicacoes-e-contraindicacoes-em-equoterapia.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

_____. **Apostila do Curso Básico de Equoterapia.** Brasília, 2010. Disponível em: <www.equoterapia.org.br>. Acesso em: 28 ago. 2019.

_____. **Equoterapia.** Brasília, 2015. Disponível em: <www.equoterapia.org.br>. Acesso em: 28 ago. 2019.

_____. **A palavra equoterapia.** Disponível em: <www.equoterapia.org.br>. Acesso em: 10 ago. 2019.

_____. **Princípios éticos na equoterapia.** 2016. Disponível em: <http://equoterapia.org.br/articles/index/article_detail/165/3216>. Acesso em: 01 ago. 2019.

BAATSCH, Eliane. **O papel do pedagogo e do psicopedagogo na equoterapia.** 2018. Disponível em: <<https://www.portalacesse.com/2018/02/22/papel-pedagogo-e-psicopedagogo-na-equoterapia/>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

BOTION, Daniele; BELO, Evelyn Monari. **O papel do pedagogo na equoterapia.** 2013. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/20713801-O-papel-do-pedagogo-na-equoterapia.html>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

BOUCHERVILLE, Gisele Cristina de. **O papel do pedagogo em uma equipe multidisciplinar de Equoterapia.** Disponível em: <<http://www.psiquiatria infantil.com.br/congressos/uel2007/315.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

BRITO, Maria Cristina Guimarães. **Minha caminhada II – Equoterapia: cavalgar é preciso.** 2. ed. Salvador: SMG Gráfica, 2006.

_____. **As contribuições da equoterapia na educação inclusiva.** 2006. Disponível em: <<https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/04/as-contribuic3a7c3b5es-da-equoterapia-na-educac3a7c3a3o-inclusiva.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

CARLOS, Luysa Carneiro Manhães; DOMINGUES, Cristiane Carvalho. **Pedagogia aliada à equoterapia:** união capaz de produzir conquistas no processo de aprendizagem. 2015. Disponível em: <https://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/491>. Acesso em: 21 ago. 2019.

CERONI, Mary Rosane. **O perfil do pedagogo para atuação em espaços não escolares.** 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100040&script=sci_arttext>. Acesso em: 29 ago. 2019.

DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA O CURSO DE PEDAGOGIA. **Parecer 5/2005.** Projeto de Resolução. Ministério de Educação; Conselho Nacional da Educação. Aprovada em 13 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2019.

GONÇALVES JÚNIOR, Erádio et al. **Equoterapia, exercícios terapêuticos, psicomotores e pedagógicos sobre o cavalo:** exercícios lúdicos e pedagógicos. 2017. Disponível em: <<http://www.fcee.sc.gov.br/downloads/biblioteca-virtual/educacao-especial/reabilitacao/877-equoterapia-exercicios-terapeuticos-psicomotores-e-pedagogicos-sobre-o-cavalo>>. Acesso em: 07 set. 2019.

LERMONTOV, Tatiana. **A psicomotricidade na equoterapia.** Aparecida: Ideias & Letras, 2004.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Pedagogia e pedagogos:** inquietações e buscas. Curitiba: UFPR, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/er/n17/n17a12.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

MEDEIROS, Mylena; DIAS, Emília. **Equoterapia:** bases e fundamentos. Rio de Janeiro: Revinter, 2002.

_____. **Distúrbios da aprendizagem** - A equoterapia na otimização do ambiente terapêutico. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

MINAYO, Maria. **O desafio do conhecimento.** São Paulo: Hucitec, 1996.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor:** profissionalização e razão pedagógica. 1. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Unisul, 2002.

RIBEIRO, Maria Lúcia dos Anjos; PIANTINO, Alessandro Campos. **A participação do pedagogo na equoterapia**. 2016. Disponível em: <<http://revistas.icesp.br/index.php/SaberesPratica/article/view/112/72>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

SANTOS, Patrícia de Lima dos; SKRSYPCSAK, Elaine Weber. **A atuação do pedagogo em espaços não escolares**: conhecer e compreender o atendimento hospitalar. 2015. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/20713801-O-papel-do-pedagogo-na-equoterapia.html>>. Acesso em: 29 ago. 2019.

SANTOS, Sabrina Lombardi Martinez dos. **Fisioterapia na equoterapia**: análise de seus efeitos sobre o portador de necessidades especiais. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

SEVERO, José Torquato. A equoterapia pode ajudar na ação pedagógica? In: BRITO, Maria Cristina Guimarães. **Minha caminhada II** – Equoterapia: cavalgar é preciso. 2. ed. Salvador: SMG Gráfica, 2006.

_____. **Equoterapia** – Equitação, saúde e educação. São Paulo: Senac, 2010.

SÔNEGO, Gabriela Leite et al. Contribuições da equoterapia ao desenvolvimento de crianças com deficiências: um enfoque interdisciplinar. **SALUSVITA**, Bauru, v. 37, n. 3, p. 653-670, 2018.

SOUZA, Juliana. Equoterapia: a cada trote uma esperança. **Filantropia**, São Paulo, v. 6, n. 32, p. 46-47, nov./dez. 2007.

SOUZA, M. B.; SILVA, P. L. N. Equoterapia no tratamento do TEA: a percepção dos técnicos. **Revista Ciência e Conhecimento**, São Jerônimo/RS, v. 9, n. 1, p. 19, 2015. Disponível em: <www.cienciaeconhecimento.com.br/?smd_process_download=1&download_id...>. Acesso em: 11 ago. 2019.

WALTER, Gabriele Brigitte. **Equoterapia** – Fundamentos científicos. São Paulo: Atheneu, 2013.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIOS USADOS NA COLETA DE DADOS DA PESQUISA

Questionário disponibilizado à fisioterapeuta que atua no espaço de Equoterapia e a uma professora que atua na APAE e tem estudantes atendidos pelo serviço de equoterapia:

1. Quais os principais avanços demonstrados pelos praticantes da equoterapia?
2. Qualquer indivíduo pode realizar a equoterapia?
3. As crianças com qual deficiência se adaptam melhor?
4. O trabalho realizado aqui reflete no contexto educativo? De que forma?
5. Você acredita que uma equipe multidisciplinar poderia melhorar as ações realizadas com tais praticantes?
6. A questão do espaço interfere na prática equoterapêutica?
7. Você considera que seria importante ter mais espaços como este nas cidades gaúchas?
8. Todo praticante obtêm resultados positivos?
9. Você acha que, ao término de tais práticas, a criança sofre muito?
10. Quanto tempo cada criança deve realizar a equoterapia? Há períodos preestabelecidos ou varia de acordo com a deficiência que ela possui?
11. Como a equoterapia pode auxiliar crianças com autismo?
12. Como a equoterapia pode auxiliar na aprendizagem de crianças com deficiência ou na aprendizagem de crianças autistas?
13. Você sabe quanto custa as sessões de equoterapia enquanto realizadas de forma particular?
14. Na sua opinião, seria importante ter um (a) pedagogo (a), um (a) professor (a) atuando com os demais profissionais neste espaço? Por quê?

O questionário, inicialmente elaborado para a fisioterapeuta, também foi disponibilizado para uma das pedagogas da APAE, para que ela pudesse revelar os efeitos que a equoterapia proporciona para os praticantes, enquanto alunos da instituição. Além disso, foi elaborado um outro questionário, para as mães das crianças que frequentam a equoterapia.

Questionário disponibilizado às mães:

1. Quais as principais dificuldades apontadas pelo seu filho (a)?
2. Quais avanços ele (a) obteve realizando a equoterapia?
3. Como funciona a equoterapia em São Marcos?
4. Este espaço funciona pela APAE ou é um espaço particular?
5. Você sabe quanto custa as sessões de equoterapia enquanto realizadas de forma particular?
6. Na sua opinião, seria importante ter um (a) pedagogo (a), um (a) professor (a) atuando com os demais profissionais neste espaço? Por quê?
7. Você acredita que o trabalho realizado na equoterapia reflete no contexto educativo (no âmbito escolar)?
8. Você considera que seria importante ter mais espaços como este nas cidades gaúchas?
9. Você acha que, ao término de tais práticas, a criança sofre muito?

APÊNDICE B – PLANOS DE AÇÃO

Plano de ação 1 – Leitura organizacional (20/08/2019)

Título: Conhecendo o âmbito de equoterapia

Justificativa: No primeiro encontro é fundamental conhecer o espaço de atuação do pedagogo no âmbito de educação não formal. Além disso, é necessário dialogar e interagir com os profissionais que atuam neste espaço, para então realizar a leitura organizacional e constituir os planos de ação, estruturando uma síntese, sempre refletindo e trocando experiências sobre este campo de atuação.

Objetivos específicos:

- Pesquisar e analisar o método terapêutico denominado equoterapia;
- Verificar o desenvolvimento intelectual, corporal e social gerados pelos participantes durante a montaria;
- Demonstrar o quanto a educação associada a essa terapia é capaz de ajudar, gerando desenvolvimento biopsicossocial em cidadãos com liberdade, felicidade e paz;
- Relacionar a equoterapia com os princípios e fundamentos de aprendizagem;
- Enfatizar o quanto é essencial a inserção do pedagogo nesse âmbito de educação não formal;
- Enfatizar o desenvolvimento psicossocial das crianças com autismo.

Desenvolvimento:

O plano inicial consiste na análise da realidade do âmbito não formal. Para isso, será necessário ir ao campo de atuação do estágio, além de uma observação minuciosa sobre a estruturação do espaço e das ações que nele ocorrem. É essencial que, além da observação, ocorra o diálogo com os profissionais que atuam neste âmbito, para que se compreendam os processos que permeiam a equoterapia e as funções equoterapêuticas. Ao interagir com os profissionais, poderá se compreender melhor o funcionamento de suas práticas.

A pedagoga deverá não apenas observar o espaço, as ações e dialogar com os profissionais, mas sim, primordialmente, procurar estabelecer vínculos com os pacientes, podendo, por meio disso, perceber quais as suas dificuldades e no que a

equoterapia os beneficia. Para intensificar esta investigação inicial, será disponibilizado à fisioterapeuta um questionário simples, contendo 14 questões (conforme Apêndice A). Caso ela não possa respondê-las em horário de trabalho, o questionário será disponibilizado em um documento do Word, e ela irá reenviá-lo para a estudante de Pedagogia.

Após a obtenção das respostas da fisioterapeuta, será realizada a análise de suas colocações para engrandecer o projeto que aos poucos se estrutura. Cabe ressaltar que esta primeira visita, assim como as quatro que seguem, ocorrerá durante a tarde de alguma terça-feira específica, durante todo o turno da tarde, das 13h30min às 17h30min.

Síntese:

O primeiro dia de visita foi incrível e enriquecedor. O amor das crianças pelos cavalos é algo emocionante e, por vezes, inexplicável. A conversa com a fisioterapeuta foi muito agradável e proveitosa, além disso, ela revelou estar muito alegre por uma pedagoga demonstrar interesse pela equoterapia, e perguntou se eu teria interesse em atuar nesta área, o que me deixou muito feliz e motivada. A fisioterapeuta destacou as dificuldades que enfrenta para manter este espaço funcionando: a prefeitura repassa uma verba, que é destinada exclusivamente para a alimentação dos animais, para a luz do local, do galpão que utilizam em caso de mau tempo e para a compra de algo que seja necessário. Este valor varia em torno de R\$ 1.000,00. Fora isso, a APAE não disponibiliza mais verbas, impossibilitando que o local seja ampliado e que haja a contratação de novos profissionais.

O âmbito conta com uma fisioterapeuta graduada, com pós-graduação e curso em equitação, e com mais um rapaz que a auxilia com os animais. Ela inclusive, adorou a minha conexão com estes animais e o meu conhecimento sobre eles e sobre a área da pedagogia, dizendo sonhar em ter uma equipe multidisciplinar para realizar tal trabalho. Algo lindo de se ver são as relações de afeto existentes neste âmbito, desde o motorista da APAE, a fisioterapeuta, o rapaz que lhe auxilia e as professoras da instituição a qual a equoterapia é filiada: todos vivem e atuam exclusivamente em prol das crianças e jovens que lá frequentam. A fisioterapeuta destacou que as mães incentivam muito a continuação das atividades equestres e percebem que isso auxilia seus filhos de diversas formas. Também cabe ressaltar

que, atualmente, 14 pessoas praticam a equoterapia neste espaço, mas que a demanda e a procura vêm aumentando ano após ano.

Em estudos e pesquisas encontrei que, de acordo com o livro **Indicações e contraindicações em equoterapia** (2017), a Associação Nacional de Equoterapia fundou-se no dia 10 de abril de 1989, completando neste ano 30 anos. Além disso, esta associação desenvolve esforços para que este método terapêutico seja sempre norteado por fundamentações científicas. No nosso estado temos a AGE/RS – Associação Gaúcha de Equoterapia – que foi criada em 09 de dezembro de 1995, sendo precursora desta prática no estado, porém baseando-se na importante ANDE-Brasil, que possui como sede o Estado do Distrito Federal/Brasília, possibilitando que, por meio de suas iniciativas, muitas outras instituições fossem constituídas ao longo destes últimos 30 anos.

Ao longo deste período, muitos acontecimentos marcaram a equoterapia no Brasil. De acordo com a Associação Nacional de Equoterapia (2017), algo muito importante foi quando o Conselho Federal de Medicina (CFM), em Sessão Plenária, aprovou o parecer 06/1997, no dia 09 de abril de 1997. Tal documento ressalta que a equoterapia é, de fato, um método terapêutico que utiliza o cavalo numa concepção interdisciplinar, que envolve as áreas da saúde e da educação, com intuito de gerar um desenvolvimento biopsicossocial em pessoas com necessidades especiais. Além disso, a ANDE-Brasil deve ter como foco o oferecimento da equoterapia como meio de reabilitação, de educação e de inserção social dos indivíduos com necessidades, para então lhes propor uma melhor qualidade de vida.

A inserção do pedagogo neste âmbito é muito atual, porque, anteriormente, valorizavam mais os terapeutas ocupacionais e os fisioterapeutas, o que nos remete a uma possível quebra de paradigmas, ou seja, ampliar o olhar da sociedade para a importância do pedagogo, pois quando pensamos em desenvolvimento pleno e amor pelas pessoas desde os anos iniciais, este é o profissional ideal, com ampla formação e positivas habilidades.

O trabalho do pedagogo na equoterapia contribui com as atividades já desenvolvidas nas escolas – especiais ou regulares. Nas sessões equoterápicas, o pedagogo auxilia no processo de aprendizagem desenvolvido no ambiente escolar, desenvolvendo formas que facilitem a construção e evolução deste processo de

ensino-aprendizagem como um todo, buscando solucionar algumas dificuldades que possam estar prejudicando a assimilação, memorização ou o processo cognitivo dos praticantes. Nas sessões de equoterapia trabalham-se a segurança, afetividade, psicomotricidade, ludicidade, disciplina, articulações da fala, além do raciocínio lógico-matemático, ensino-aprendizagem, formações morais e sensórias. Dessa forma, cabe ao profissional envolvido, no caso o pedagogo, adequar as sessões de acordo com cada praticante, respeitando os limites de aprendizagem e interação, visando o desenvolvimento das potencialidades individuais de cada um. Neste sentido, eis uma frase marcante da **Pedagogia da autonomia**, de Paulo Freire, destacando que: “Não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”.

Plano de ação 2 (27/08/2019)

Título: Pensando intervenções no espaço de equoterapia

Justificativa: Neste segundo plano de atuação o principal objetivo será explorar o espaço de atuação e as possíveis possibilidades de intervenção. Também se fará necessário conhecer as dificuldades, limitações e potencialidades dos praticantes, para então construir e adequar as atividades que lhes serão propostas.

Objetivos específicos:

- Desenvolver atividades lúdicas no espaço de equoterapia;
- Praticar atividades psicomotoras capazes de auxiliar no desenvolvimento físico e intelectual dos praticantes;
- Demonstrar a importância da atuação pedagógica e da inserção do pedagogo;
- Explorar o espaço e as possibilidades de intervenção;
- Conhecer as dificuldades, limitações e potencialidades dos praticantes.

Desenvolvimento:

Para realizar os planos a seguir é essencial que o pedagogo conheça um pouco sobre cada praticante da equoterapia, que consiga compreender as dificuldades, medos, anseios e possíveis limitações de cada indivíduo, além de conhecer os seus diagnósticos. Isso possibilitará que cada criança seja estimulada de alguma forma, com o próprio corpo ou com objetos lúdicos. É importante que se

tenha cuidado na escolha dos materiais, pois alguns podem assustar o cavalo ou não ser atrativo às crianças, ressaltando que algumas crianças praticam esta terapia a anos, então possuem um bom equilíbrio sobre o cavalo, enquanto outros possuem mais dificuldades. Pode-se dizer que cada caso é um caso. A equoterapia funciona apenas nas terças e quartas-feiras, em dias de frio intenso ou de chuva forte as atividades são suspendidas, em virtude dos riscos que a chuva ou o frio podem ocasionar à saúde dos praticantes.

Neste segundo dia, além da sondagem do diagnóstico das crianças e jovens, pretende-se recolher alguns questionários. Em um terceiro momento, começaremos a introduzir outros materiais e brincadeiras à terapia equestre. As crianças serão estimuladas a realizar exercícios de alongamento sobre o cavalo, poderão deitar sobre ele, abraçá-lo, além de ajudar a colocar a sela, prepará-lo para montaria e escová-lo. Em seguida, utilizaremos uma simples bola de vôlei, e por meio dela o praticante poderá fazer outros movimentos no cavalo, além de mirar a bola em uma cestinha e jogá-la. Tudo será realizado de forma calma e paciente. Este exercício será repetido com todos os alunos que tiverem aula marcada nesta respectiva tarde. Utilizaremos, também, um cabo de vassoura, para que os praticantes possam utilizá-lo durante os alongamentos.

A pedagoga poderá disponibilizar livros simples para ver o quanto a criança sabe e para estimular a sua imaginação enquanto se exercita. Além disso, utilizará fantoches simples para encenar histórias sobre o cavalo, neste caso, apenas com os mais pequeninhos, pois têm alunos que possuem entre 21 e 29 anos, e um senhor que possui 60 anos, portanto, isso poderia lhes parecer não tão atrativo. A professora também levará imagens de objetos e de animais, e as crianças terão que imitá-los e representar da forma como o conhecem. Tudo estimulará a criança de forma mais lúdica, não deixando de utilizar os movimentos tridimensionais do cavalo. Observação: Caso alguma atividade não possa ser realizada neste dia, retomaremos no terceiro plano de ação. Ressalta-se que cada sessão dura em torno de 30 a 40 minutos.

Síntese:

Na segunda visita, a pedagoga intensificou o seu diálogo com a fisioterapeuta, para buscar compreender mais sobre o funcionamento da

equoterapia. Então, a fisioterapeuta destacou que a equoterapia é pouco divulgada, que os investimentos no âmbito são pouco significativos e que ela acha estranho o fato de a secretaria da saúde e outros órgãos não procurarem investir nesta terapia, justamente por ela proporcionar tantos benefícios. Neste dia, realizei diálogos com as crianças para saber o quanto eles gostam/amam os cavalos. Uma menina trouxe as suas produções (artesanatos), para que eu pudesse contemplar. Fizemos as crianças realizar alguns movimentos diferentes, além de cantar conosco e falar um pouco sobre suas atividades cotidianas, enquanto as crianças andavam sobre o cavalo e nós o direcionávamos para diferentes trajetos.

Neste dia, apenas três crianças compareceram à equoterapia. Outros dois alunos não compareceram porque estavam com febre, devido às mudanças climáticas. Deste modo, deixei parte das atividades lúdicas para realizar na terceira visita. Vou aplicar uma brincadeira de mímica com as crianças que são mais pequenas, e uma brincadeira com bola e alongamentos para os praticantes que já são adultos. Além disso, deverei realizar uma breve entrevista com a fisioterapeuta e filmar esta entrevista para, futuramente, poder aplicá-la no curso de extensão.

Plano de ação 3 (11/09/2019)

Título: Explorando possibilidades

Justificativa: O diálogo e a troca de experiências são elementos cruciais para a construção do conhecimento e o planejamento de qualquer profissional consciente e engajado. Por isso, será explorado, neste encontro, as concepções dos profissionais da APAE e da equoterapia, para saber o que tange o contexto inclusivo e quais benefícios refletem no âmbito educacional e também social.

Objetivos específicos:

- Dialogar com profissionais sobre questões pertinentes à educação inclusiva;
- Trocar ideias e experiências para a melhoria de ações nestes âmbitos;
- Produzir vídeos que retratem as experiências que permeiam os âmbitos educativos, formais e não formais, que englobam a equoterapia e a inclusão de pessoas com deficiência;

- Compreender o que pode ou não, ser realizado, com base nas condições de cada praticante, levando em conta a segurança dos envolvidos;

- Observar as relações de um espaço a outro, principalmente no que diz respeito à educação no seu amplo sentido.

Desenvolvimento:

No terceiro plano de ação, várias questões deverão ser analisadas, discutidas e repensadas em conjunto, ou seja, a pedagoga deverá propor novas ideias à fisioterapeuta, e compreender o que é possível de ser realizado e o que pode ser arriscado para fazer com as crianças e jovens. Cabe aqui ressaltar que a segurança deve ser considerada em primeiro lugar. Como somos apenas em três pessoas, temos que ter um cuidado redobrado com os praticantes e com o próprio cavalo. Neste dia, a pedagoga estagiária deverá recolher os questionários, da professora da APAE e da fisioterapeuta, e a fisioterapeuta será questionada sobre a equoterapia e seus benefícios, e deverá falar brevemente sobre a relação dos praticantes com o cavalo.

Um questionamento semelhante será realizado com alguma professora da APAE que atende a estas mesmas crianças/jovens, para então compreendermos o quanto positiva é a atividade equestre para o desenvolvimento de aspectos relacionados ao ensino e à aprendizagem destes indivíduos. A tarefa principal deste terceiro encontro é justamente esta troca de experiências, bem como, a breve entrevista e a elaboração de vídeos que contemplem as respostas das entrevistadas. Os dois vídeos, pautados na educação inclusiva e nos benefícios equoterapêuticos, serão divulgados em uma das aulas de extensão.

Síntese:

Nesta terceira aula várias atividades ocorreram. Inicialmente, realizamos uma atividade lúdica, utilizando uma bola leve, de borracha, e um balde. A atividade era simples: o praticante tinha que segurar a bola, erguer os braços e mirar no balde. Esta atividade teve o intuito de auxiliar nos aspectos motores e físicos, pois o (a) aluno (a), além de exercitar o corpo, também tinha que calcular a distância do balde e ter noção espacial. Em um segundo momento, realizou-se a produção do vídeo, que envolvia a entrevista com a fisioterapeuta. A produção realizou-se no período em que ficamos esperando o veículo da APAE trazer o praticante para

realizarmos a segunda sessão da tarde. Este vídeo será utilizado e divulgado no curso de extensão, com a autorização da fisioterapeuta.

Além disso, foi disponibilizado aos acompanhantes das crianças/jovens e adultos um questionário. Neste encontro consegui disponibilizar 6 questionários, pois realizamos 6 sessões. Na semana seguinte serão disponibilizados os questionários restantes e recolhidos os que já estão preenchidos. Ocorreram vários diálogos com os praticantes, com relação à equoterapia, e um relato foi bem emocionante, pois o praticante José, de 60 anos, disse: *“Eu gosto muito daqui, tenho paixão pelos cavalos”*. Uma menina, a Laura, disse, feliz: *“Eu lembro como se fosse ontem o meu primeiro dia na equoterapia”*, dentre outras falas que nos emocionaram.

Na semana seguinte, pretendo disponibilizar o restante dos questionários, recolher os que já estão prontos e disponibilizar uma folha aos praticantes, para que escrevam ou desenhem o que a equoterapia representa em suas vidas.

A visita desta semana ocorreu em uma quarta-feira, justamente para que fosse possível conhecer todos os praticantes deste espaço. Na próxima semana, dia 17, a visita será em uma terça-feira e na outra semana, dia 24, será realizada uma visita à APAE, para conversar com os demais professores destes alunos.

Abaixo, seguem algumas imagens registradas neste dia.

Imagem 1 - Diálogo e preparo para a atividade



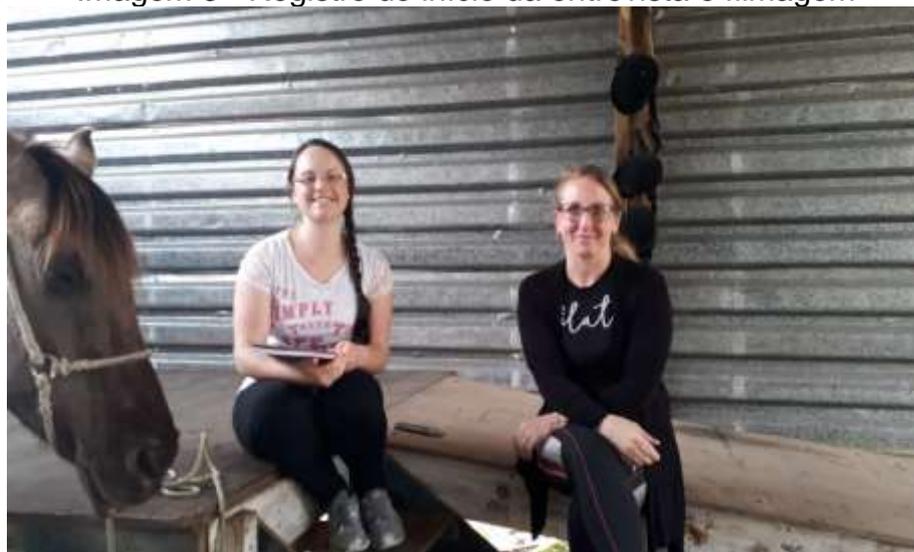
Fonte: Autora (2019).

Imagem 2 - Primeiras tentativas, depois a distância aumentou



Fonte: Autora (2019).

Imagem 3 - Registro do início da entrevista e filmagem



Fonte: Autora (2019).

Plano de ação 4 (24/09/2019)

Título: Cavalgar, se exercitar, brincar e dialogar

Justificativa: Nesta aula, o principal objetivo é dar voz aos alunos, perceber seus sentimentos em relação à equoterapia e compreender mais sobre como eles são enquanto indivíduos, cidadãos e seres repletos de sonhos. Ter sensibilidade ao entender a vida destes encantadores seres, dotados de luz própria e, que assim como os cavalos, também têm muito a nos ensinar e nos beneficiar.

Objetivos específicos:

- Dar voz aos praticantes, ouvir o que pensam e sentem em relação à APAE e à equoterapia;
- Solicitar para que falem um pouco sobre si mesmos;
- Propor a produção de um pequeno relato, podendo ser escrito ou apenas dialogado, que demonstre estes sentimentos;
- Pedir para que deem sugestões de mais coisas que podemos criar ou fazer durante as sessões de equitação.

Desenvolvimento:

Neste quarto dia, vamos aprofundar as questões iniciadas no segundo plano de ação. Poderemos, novamente, utilizar a bola de vôlei e os fantoches, para então, criar histórias e explorar a imaginação dos praticantes. Será proposto a realização de movimentos de alongamento sobre o cavalo, e, além disso, será solicitado que as crianças pensem na constituição de uma escrita ao velho e grande amigo: “o cavalo”. Os que dominam a escrita podem escrever e, na semana seguinte, entregar para a pedagoga; os que possuem dificuldades poderão simplesmente falar o que sentem ao cavalgar, o que o cavalo representa para eles.

Síntese:

O quarto encontro foi repleto de alegria e aprendizado. As crianças e os animais já estão mais habituados com a presença da estagiária neste espaço. Além disso, ela já realiza todas as atividades normalmente com a fisioterapeuta, desde o momento de buscar os animais, juntamente com os praticantes, até o momento de colocar as encilhas sobre os cavalos e também, nos momentos de auxiliar os praticantes na montaria. Colocar os praticantes sobre o cavalo requer conhecimento e prática por parte do profissional, algo que a estagiária, aos poucos, está desenvolvendo ricamente. Há um certo cuidado na forma como colocamos as mãos sobre os praticantes, principalmente com a cabeça e com a coluna. Na cabeça eles utilizam capacetes propícios para tais atividades.

Neste dia realizou-se a entrega de mais alguns questionários para as mães dos praticantes, realizamos alguns movimentos de alongamentos sobre o cavalo e cantamos/conversamos durante a sessão. No percurso, encontramos uma vaca que havia dado à luz a poucos dias. A vaca teve uma “terneirinha” muito bonita, atraindo

os olhares dos alunos neste dia. Inclusive, propomos que as crianças pensassem em um nome para a integrante daquele espaço, e surgiram algumas sugestões como “Bebê Mumu”, “Amora”, “Fofinha” e “Sapequinha”, sendo esse último o escolhido.

Além disso, um menino também disse estar com dor de cabeça ao chegar na equoterapia, então decidimos realizar uma magia com uma varinha, para que a dor passasse, e, após isso, o aluno deixou a varinha sobre a cabeça, levando tudo na brincadeira, mas é claro, trabalhando a coordenação e o equilíbrio de forma prazerosa e lúdica. Por fim, este mesmo aluno disse que suas dores haviam passado, mas não sabemos ao certo se foi “curado” pela sessão de equoterapia ou pela magia. Quem sabe, pelos dois.

Imagem 4 - As crianças com a vaca e a “terneirinha” Sapequinha



Fonte: Autora (2019).

Imagem 5 - A cura mágica



Fonte: Autora (2019).

Plano de ação 5 – Diálogo com as professoras da APAE / Visita da professora Cineri (22/10/2019)

Título: Explorando as concepções que permeiam a APAE

Justificativa: Neste plano de ação serão exploradas diferentes visões da equoterapia, ou seja, a visita será diretamente realizada na APAE, com as professoras que lá atuam com as mesmas crianças e jovens que frequentam a equoterapia. Isso possibilitará compreender como é o comportamento e a desenvoltura dos praticantes em um outro âmbito, além de perceber o que as professoras notam de diferença enquanto os alunos estão em um espaço ou em outro. Portanto, deverá se realizar um intenso diálogo, uma troca de saberes e a compreensão do quanto a equoterapia pode estar interligada à pedagogia e aos processos de aprendizagem.

Objetivos específicos:

- Dialogar com os profissionais que atuam com a inclusão na APAE;

- Compreender o quanto a equoterapia pode estar interligada com a Pedagogia;
- Analisar quais mudanças as crianças demonstram na APAE após iniciar as sessões de equoterapia;
- Observar as diferentes visões presentes nas falas dos profissionais em relação a esta terapia;
- Realizar questionários que possam auxiliar nas práticas pedagógicas dentro do campo da equoterapia.

Desenvolvimento:

Inicialmente a estagiária se deslocará ao âmbito da APAE de São Marcos. Chegando lá, pedirá para observar os alunos que frequentam a equoterapia, com a finalidade de analisar as formas como eles se comportam, as relações que têm com as professoras, com os demais profissionais e as relações que estabelecem com a aprendizagem. A estagiária deverá dialogar com todos os profissionais deste espaço e realizar indagações sobre o campo da equoterapia. Além disso, disponibilizará uma poesia de Clarice Lispector, para que os profissionais realizem suas próprias reflexões. Cabe aqui destacar que foram constituídos 5 planos de ação (presenciais), mas que devido à dificuldade de se realizar tudo em apenas 5 encontros, a pedagoga se deslocou até o local 8 vezes, portanto, foram 8 encontros na equoterapia, 1 na APAE e mais 2 aulas do curso de extensão.

Poesia que será disponibilizada às professoras:

Um ser mora dentro de mim

(Clarice Lispector)

Existe um ser que mora dentro de mim
como se fosse a casa dele, e é.

Trata-se de um cavalo preto e lustroso que
apesar de inteiramente selvagem pois
nunca morou antes em ninguém nem
jamais lhe puseram rédeas nem sela
apesar de inteiramente selvagem tem por
isso mesmo uma doçura primeira de quem
não tem medo: come às vezes na minha

mão.

Seu focinho é úmido e fresco.

Eu beijo o seu focinho.

Quando eu morrer, o cavalo preto ficará
sem casa e vai sofrer muito.

A menos que ele escolha outra casa e que
esta outra casa não tenha medo daquilo
que é ao mesmo tempo selvagem e suave.

Aviso que ele não tem nome: basta chamá-lo
e se acerta com seu nome.

Ou não se acerta, mas, uma vez chamado
com doçura e autoridade, ele vai.

Se ele fareja e sente um corpo-casa é livre,
ele trota sem ruídos e ai.

Aviso também que não se deve temer seu relinchar:

A gente se engana e pensa que é
a gente mesma que está relinchando de
prazer ou de cólera, a gente se assusta com
o excesso de doçura do que é isto pela
primeira vez.

Síntese:

Em decorrência de problemas particulares da estagiária, o último plano teve que sofrer modificações, não sendo ministrado como está elencado anteriormente no desenvolvimento. No dia 09 de outubro, a pedagoga/estagiária entrou em contato com a APAE para saber questões relacionadas às dificuldades das crianças, sobre suas respectivas idades e seus diagnósticos. Além disso, aproveitou para questionar alguns profissionais por telefone, o que revelou que eles pouco conhecem o trabalho desenvolvido pela fisioterapeuta na equoterapia. No dia 22 de outubro, a estagiária se deslocou ao local da equoterapia, juntamente com a professora Cineri, para compreender como funcionava aquele âmbito e analisar o que a pedagoga aprendeu, constituiu e propôs para melhorar as atividades neste espaço. Houve uma

intensa conversa, entre a fisioterapeuta, a professora Cineri, que é uma profissional da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e a acadêmica que está estagiando.

Diante destas conversas, várias questões pertinentes à equoterapia e à APAE foram abordadas, revelando uma distância entre ambas, realidade que dificulta o trabalho da equoterapia, repasse de verbas e as “possíveis” contratações de novos profissionais. Outro ponto forte está relacionado à falta de conhecimento dos profissionais da APAE, em relação à equoterapia, pois eles não sabem e não reconhecem os seus benefícios. Os próprios alunos/praticantes retratam que esse é um ponto que os entristece, pois eles e suas mães percebem nitidamente os avanços desta prática equestre.

Plano de ação 6 – Referente ao curso de extensão (25/10/2019)

Apresentação:

Olá caros estudantes! Nesta semana trabalharemos com o tema “A equoterapia como ferramenta de inclusão na Educação Infantil”. É com imenso carinho que irei compartilhar com vocês estudos em torno da atuação do pedagogo na equoterapia, uma terapia que tem como principal objetivo promover a reabilitação, o desenvolvimento psicomotor, físico e intelectual, bem como facilitar os processos de educação de crianças, jovens e adultos com deficiências ou com necessidades especiais.

Bons estudos e abraço afetuoso. Janaína, Marquéli e Milena.

Objetivos específicos:

- Demonstrar o quanto a equoterapia é importante, capaz de auxiliar no contexto da educação inclusiva;
- Compreender a gama de benefícios que esta prática equestre proporciona aos seus praticantes;
- Discutir como o pedagogo pode intervir e atuar no âmbito da equoterapia.

Mídia:

Vídeo da fisioterapeuta da APAE de São Marcos, falando sobre a equoterapia e seus benefícios.

Após assistir ao vídeo, leia o texto “Pedagogia aliada à equoterapia: união capaz de produzir conquistas no processo de aprendizagem”, de Cristiane Carvalho Domingues e Laysa Carneiro Manhães Carlos, disponível em: <https://www.seer.perspectivasonline.com.br/index.php/humanas_sociais_e_aplicadas/article/view/491>.

Em um terceiro momento, discuta no fórum o que você compreendeu por meio da leitura do texto “Pedagogia aliada à equoterapia: união capaz de produzir conquistas no processo de aprendizagem”, de Cristiane Carvalho Domingues e Laysa Carneiro Manhães Carlos, além de observações constituídas por meio do vídeo da fisiopeapeuta Fernanda Santini, formada também em cursos de equitação, treinamento funcional e pilates.

Fórum de discussões: discussão sobre os materiais analisados.

Final: Esperamos ter colaborado e enriquecido suas aprendizagens! Obrigada e nos encontramos na próxima aula.

Plano de ação 7 – Referente ao curso de extensão (29/10/2019)

Apresentação:

Olá queridos (as) acadêmicos (as) e profissionais da educação! Nessa semana de estudos, daremos continuidade ao contexto relacionado à educação inclusiva e à equoterapia, além de buscar compreender o quanto as práticas equestres auxiliam positivamente no âmbito educacional, não apenas no âmbito da educação infantil, mas também nas demais etapas de escolarização.

Muito obrigada pelo empenho e pela rica troca de experiências que obtivemos em nossas aulas! Afetuoso abraço. Janaína, Marquéli e Milena.

Objetivos específicos:

- Explorar os conceitos educação inclusiva X equoterapia;
- Compreender os benefícios que a equoterapia proporciona às pessoas com deficiência;
- Conhecer um pouco mais sobre a equoterapia;
- Entender a ligação da equoterapia com a inclusão, além de como podem-se gesticular planos de ação com este viés;

- Pensar práticas pedagógicas com base nos conceitos já citados.

Mídia:

Vamos proporcionar, no material, dois questionários respondidos pela fisioterapeuta da APAE de São Marcos e por uma pedagoga desta mesma instituição, a fim de permitir que explorem alguns conceitos e ampliem o conhecimento nesta área. Além disso, lhes será disponibilizado um vídeo da profissional Claire Longhi, formada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul, professora na APAE de Nova Petrópolis e neuropsicopedagoga na cidade mencionada. A pedagoga trará alguns recortes sobre o contexto de inclusão.

Perguntas que nortearão a fala da profissional Claire Longhi:

1. O que você compreende por educação inclusiva?
2. Quais dificuldades a educação inclusiva enfrenta no cenário atual?
3. Mesmo com mudanças, atualmente os professores apresentam algum “preconceito” ou dificuldade de incluir?
4. As crianças com deficiência se adaptam bem à APAE?
5. Você já ouviu falar sobre equoterapia? Se sim, acredita que esta prática auxilia as pessoas com deficiência no contexto educativo?
6. No seu ponto de vista, por que ainda é tão difícil realizar a inclusão, de fato?
7. Você acha que as crianças que possuem deficiências/dificuldades devem frequentar as escolas regulares ou outros âmbitos específicos, como a APAE? Justifique sua resposta.
8. Que especificidades devem conter os planos de ação para estas crianças, jovens e adultos?
9. O que auxilia potencialmente no desenvolvimento físico e cognitivo destas crianças, jovens e adultos?
10. O que favorece o processo de aprendizagem destes indivíduos?

Exercícios:

Nesta aula, vocês terão duas atividades: a primeira, novamente, será uma discussão no fórum, destacando aspectos que lhe chamaram atenção na entrevista

cedida pelas profissionais da APAE São Marcos; também deverão destacar algum ponto mencionado na fala da neuropsicopedagoga Claire Longhi.

Em um segundo momento, vocês deverão ler o artigo “As contribuições da equoterapia na educação inclusiva”, de Maria Cristina Guimarães Brito, disponível em: <https://alfabetizarvirtualtextos.files.wordpress.com/2012/04/as-contribuic3a7c3b5es-da-equoterapia-na-educac3a7c3a3o-inclusiva.pdf>.

Após, devem responder com (V) para verdadeiro ou (F) para falso as sentenças a seguir:

(V) A política da educação inclusiva abre uma nova perspectiva como forma de valorizar o indivíduo para torná-lo um ser integrado na sociedade.

(F) A equoterapia utiliza o cavalo como ferramenta dentro de uma abordagem multidisciplinar.

(F) O cavalo não deve ser utilizado no contexto biopsicossocial, apenas no contexto da educação e da saúde.

(V) As bases do movimento de inclusão estão contidas no texto da Declaração de Salamanca (1994).

(V) A utilização do cavalo está embasada no seu movimento cadenciado, ritmado, oferecendo aos seus praticantes estímulos sensoriais e psicomotores.

(F) Porém, este método não contribui para o desenvolvimento global da criança.

(V) Ocorre por meio da prática da equoterapia uma possível superação da dicotomia educação *versus* saúde.

(V) O estímulo proporcionado pela equoterapia oferece à criança especial, inserida na rede regular de ensino, um trabalho interdisciplinar, nos aspectos da educação, da saúde e da promoção social.

(V) Tal atividade promove momentos de ludicidade durante a sua prática, possibilitando o seu aprendizado de forma prazerosa.

Responda às perguntas a seguir:

1. Para atender as necessidades de uma criança com deficiência, como deverá proceder o currículo escolar?

2. O que o professor deve considerar inicialmente para então, proporcionar a busca de aprendizado pelo educando?

3. Complete a frase: De acordo com a autora a criança precisa ser_____ para obter conquistas e aprendizados.

4. Complete a frase: É na diversidade que se constrói uma sociedade _____.

5. De que forma a prática da equoterapia possibilita que se trabalhe com as crianças?

6. Descreva, brevemente, o que lhe chamou atenção em relação ao tópico “Relato de experiência: educação inclusiva X equoterapia”.

Final: Foi uma imensa alegria realizar pesquisas em torno da educação infantil, da educação inclusiva e da equoterapia, uma felicidade e gratidão ainda maior por dividir nossas aprendizagens e pesquisas com cada um de vocês! Fraternal abraço!

Planos de ação 8, 9 e 10 (22/10/2019, 19/11/2019 e 10/12/2019)

Título: Cavalgar, se exercitar, brincar e dialogar

Justificativa: Os últimos planos serão utilizados para agregar conhecimentos e auxiliar a fisioterapeuta em sua função, buscando articular novas possibilidades de atuação. Além disso, será crucial olhar todos os questionários e organizar as respostas recebidas. Também será importante analisar a opinião das professoras da APAE e compreender quais são as dificuldades apresentadas pelos praticantes. As opiniões delas serão primordiais, para que possam ser pensadas práticas que sejam articuladas e que ajudem os alunos, de fato, no contexto educativo.

Objetivos específicos:

- Auxiliar as atividades que são realizadas na equoterapia;
- Recolher os questionários e analisar as respostas fornecidas;
- Pensar novos planos de ação com base nestas respostas;
- Pesquisar possibilidades que facilitem o processo de aprendizagem neste âmbito;
- Buscar inserir mais atividades lúdicas.

Desenvolvimento:

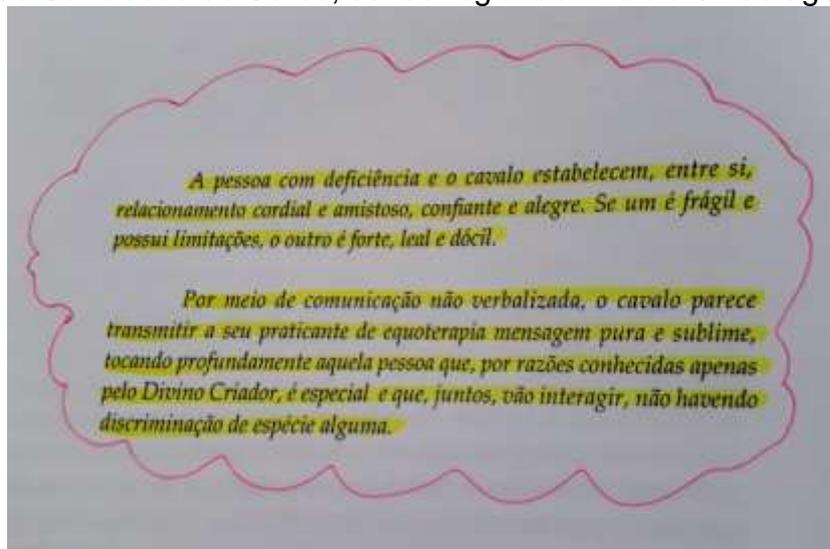
Nas últimas semanas, será realizado o acompanhamento com a profissional da equoterapia e, além disso, a estagiária deve auxiliar a fisioterapeuta no que for necessário e pensar, juntamente com ela, novas possibilidades de intervenção. Deverá recolher os questionários, conforme os praticantes forem levando, para analisar as respostas. Estas análises contribuirão imensamente para pensar nos planos de ação, levando em conta as facilidades e dificuldades dos praticantes, compreendendo concepções distintas, ou seja, analisando as respostas advindas dos pais, da fisioterapeuta e das professoras destes indivíduos.

Imagem 6 - Meu primeiro contato com a equoterapia, sendo registrado no dia 13 de outubro 2017, na Cidade de São Marcos



Fonte: Autora (2019).

Imagem 7 - Um dos primeiros fragmentos que encontrei ao iniciar as pesquisas para o Trabalho de Conclusão de Curso, sendo registrado no dia 07 de agosto de 2019.



Fonte: ANDE-Brasil (2016).